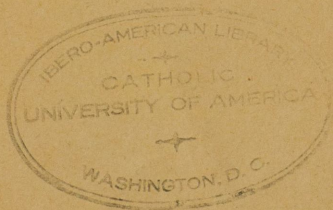




MERCURIO

Revista comico-phantastica em 1 pro-
logo, 3 actos e 12 quadros, represen-
tada pela primeira vez no Rio de
Janeiro, no theatro Lucinda,
em 16 de Março de
1887.



FQ
9697
.A95
M.45
1887

DOS MESMOS AUCTORES

- **Mandarim**, revista de 1883.
- **Cocota**, revista de 1884.
- **Bilontra**, revista de 1885.
- **Carioca**, revista de 1886.

AO ACTOR COLÁS

Com os agradecimentos de

A. A.

M. S.

«... applaudo o Colás a fazer de Xumby-Caena e de Paula Ney. Mas, o que me faz deitar enthusiasmo, o que poz em revolução os meus macaquinhos, o que me deu um dos maiores prazeres que tenho tido em theatro foi o matuto do Piauhy, pelo referido Colás.

« Arredio como ando de theatros, quasi só conhecia este Colás de o ver fazer uns galans piegas em comedias mais piegas ainda; de modo que foi uma verdadeira surpresa para mim vel-o fazer com a maxima verdade aquelle typo, fazer de um papel de meia duzia de palavras um trabalho, como não se póde fazer melhor em theatro. Tudo exacto: caracterisação, gesto, pronuncia; o personagem vive, e o espectador tem a mais completa illusão que póde ter assistindo a um espectáculo.

« Colás a fazer o matuto do Piauhy é tão completo, tão perfeito, como Salvini a fazer o *Othello*, como o Rossi a fazer o *Nero*, de Pietro Cossa; é certo que para estes dous casos é preciso ter mais talento, e mais conhecimentos litterarios e artisticos; mas o resultado a que chega o artista é sempre um só: reproduzir fielmente o personagem.

« Vale a pena ir ver o *Mercurio*; mas não fosse essa revista bem escripta, como é, valeria a pena ir ao Lucinda só para ver e ouvir o matuto do Piauhy.

JOSE' TELHA.»

(Ext. da secção *Macaquinhos no sotam*, da *Gazeta de Noticias* n. 109, de 19 de Abril de 1887.)

ARTHUR AZEVEDO. & MOREIRA SAMPAIO

MERCURIO

Revista comico-phantastica de 1886

EM 1 PROLOGO, 3 ACTOS E 12 QUADROS

Empresa editora « NOVIDADES »
47 - Rua de Gonçalves Dias - 47

1887

6338

PERSONAGENS

- Fonseca, Mercurio..... **Sr. Corrêa.**
- Raposo, Baccho, Um boticario rico, Um viajante, Dr. Entrelinhas, O Arêas..... **Sr. Peixoto.**
- Jupiter, Dr. José Telha, Um capadocio,..... **Sr. Bahia.**
- Plutão, Robertino, Um cavalheiro, Um matuto do Piauhy, O reporter *attaché*..... **Sr. Colás.**
- Apollo, Um candidato, D. Basilio, Um sujeito, Um poeta..... **Sr. Santos Silva.**
- Automedonte, o Perninha, Um subdelegado, Dr. Várias, O actor Va gão..... **Sr. Germano.**
- Marte..... **Sr. Eugenio.**
- Um reposteiro, O Nunes, Olho-vivo, Outro poeta..... **Sr. Alfredo Peixoto.**
- Vulcano, Furão, Outro poeta, O actor Garnier..... **Sr. José Maria.**
- Um criado, O Barbadiño, D. Basilio, Outro poeta..... **Sr. Louro.**
- Manduca, Outro poeta. **Sr. Felipe.**
- Neptuno, Um porteiro, Outro poeta..... **Sr. Mesquita.**
- Um embuçado, Frank Brown..... **Sr. Langlois.**
- Frivolina, Cupido..... **D. Cinira Polonio.**

Zepha, A Cidade do Rio de Janeiro, Sarah Bernhardt.....	D. Fanny.
Minerva, A Municipalidade, A Companhia de D. Maria II.....	D. Felicidade.
A Companhia do Gaz, Mme. Boniface.....	Mme. Blanche.
Themis, Maricota, A Semana.....	D. Julia de Castro.
A Carabina Chú-chú, A Vida Moderna.....	D. Candelaria.
Ceres, A Companhia do Principe Real.....	D. Carlota.
Uma turca	D. Anna.
Dous DD. Basilios.....	N. N.
Mata-logo, O Corpo de Bombeiros, a Empresa Gary, as Companhias de Bonds, a Telephonica, As Folhas Diarias, A Martyr, Dous Principes Zilahs, A Donzella Theodora, O Heróe á Força, O Duque de Vizeu (personagens mudos)....	N. N.

Côrte de Jupiter, Deuses e Semi-deuses, Povo, Soldados, Marinheiros, Capoeiras, Passeantes, Banhistas, Jogadores, Actores, Actrizes, Peças de theatro, etc.

Scenarios dos Srs. Coliva, Carrancini e Frederico de Barros

Musica de diversos compositores, compilada, instrumentada e ensaiada pelo Sr. Adolpho Lindner, regente da orchestra.

Encenação do Sr. Adolpho A. de Faria.

PROLOGO

Recitado pelo Actor Xisto Bahia

Bellas senhoras, inclitos senhores,
Desta revista os timidos auctores
Mandam-me em verso tosco
Aqui tratar comvosco.

Disseram-me: « Bahia! olá! veste a casaca!
Sê de nosso elephante o intrepido cornaca!

Como no theatro antigo,
Dize ao publico amigo

Que não veja no insipido *Mercurio*
Triste pamphleto, de honradez espurio;
Que nos condemne a falta de talento,

A lugubre aridez de nosso pensamento;

Tudo quanto lhe falta e o que lhe sobra;
Mas não veja n'esta obra

O desejo infeliz de vomitar injurias,

Dos corações desafogando as furias.

Não fôramos leaes, não fôramos correctos,

Se viessemos ferir serenos desaffectedos.

A pretensão d'estas risonhas scenas

E' fazer rir apenas.

Não se offende a ninguem na pobre farça,

Nem na pilheria o insulto se disfarça.

Um cidadão notavel,

Egrogio, respeitavel,

Tomamos pelo braço e em scena vamos pol-o,

Justamente porque não se trata de um tolo.

Pois os tolos taes honras não merecem,

Nem outros tolos ha que d'elles se interessem,

Aos homens de talento as chufas não attingem,

Mas somente aos que fingem

Virtudes que não têm, dotes que não conhecem.

Uma revista de anno

Não te póde lesar, genero humano!
Nada te rouba, nada te accrescenta:
Apenas te diverte... ou te adormenta!

Dizem muitos que a Arte,
Essa deusa que tem um culto em toda a parte,
Menos na nossa terra,

Dos revisteiros soffre impertinente guerra:
Engano, puro engano!

Póde haver Arte na revista de anno.
Se não a tem a nossa,

Outra, de outros, virá que apresental-a possa, >
— Publico generoso,

Dei-te o recado. Adeus! Sê gracioso.

Não busques intenção damnada onde a não houve,
E o teu applauso prospero nos louve.

D'este prazer sincero não nos prives...

Termino como Plauto. Adeus! *Plaudite, cives!*

ACTO PRIMEIRO

QUADRO I

Saleta em casa de Fonseca. Uma porta de cada lado.

SCENA PRIMEIRA

UM CRIADO, depois RAPOSO.— (*Ao levantar o panno, ouve-se tocar campainha com insistencia.*)

O CRIADO, *sahindo da direita e correndo para a esquerda*

Ahi vou ! ahi vou !... O' senhor ! pensa que estamos surdos ? (*Abre a porta.*)

RAPOSO, entrando.

Ora viva ! (*Reparando no criado.*) Mas não me engano ! Tu não te chamas Joaquim ?

O CRIADO.

Sim, senhor.

RAPOSO.

Já estiveste alugado em minha casa...

O CRIADO.

Sim, senhor.

RAPOSO.

Puz-te no olho da rua, porque todos os dias roubavas-me um charuto.

O CRIADO.

E' falso, roubava dous.

RAPOSO.

Ainda o confessas, miseravel !

O CRIADO.

Eram tão bons !

RAPOSO.

Legitimos Bremas.

O CRIADO.

V. S. tem ahi algum disponivel ?

RAPOSO.

Tenho coisa melhor... Dize-me cá: estás agora ao serviço do Sr. Fonseca ?

O CRIADO.

Sim, senhor.

RAPOSO.

Onde está elle ?

O CRIADO.

Está se preparando para sahir.

RAPOSO.

Ha quanto tempo aqui estás ?

O CRIADO.

Ha um anno, pouco mais ou menos.

RAPOSO.

Muito bem. (*Tirando uma no a do bolso.*) Sabes o que isto é ?

O CRIADO.

Uma nota de dez mil réis.

RAPOSO.

E' tua.

O CRIADO.

Ah ! (*Estende a mão.*)

RAPOSO, *guardando a nota.*

E' tua, se me dás as informações que eu te pedir.

O CRIADO.

Quantas quizer.

RAPOSO.

Antes de mais nada, e para não estranhares as minhas perguntas, é bom que saibas o seguinte: O Sr. Fonseca acaba de me dirigir uma carta, pedindo em casamento a mão de uma de minhas filhas... a minha filha do meio... a minha Felisberta... Sabias?...

O CRIADO.

Sabia do namoro... Eu é que levava e trazia a correspondencia...

RAPOSO.

Gabo-te a pachorra. Mas dize-me... o Sr. Fonseca tem livraria em casa?

O CRIADO.

Como?

RAPOSO.

Quero dizer: tem livros?

O CRIADO.

Poucos.

RAPOSO.

Não passa as noites a ler ou a escrever?

O CRIADO.

Não, senhor; é um homem serio. Deita-se cedo, apaga a vella, e dorme que é um regalo.

RAPOSO.

Máo! — Não é então um homem de lettras?

O CRIADO.

Como?

RAPOSO.

Valha-me Deus! não se pôde conversar com genteulta!

O CRIADO, *estendendo a mão.*

Não precisa de outras informações?

RAPOSO.

Preciso que não me aborreças. Has de ser sempre um estúpido!

O CRIADO, *aparte*.

Daquella matta não sae coelho. (*Alto*.) Abi vem o Sr. Fonseca.

SCENA II

Os mesmos, FONSECA.

FONSECA, *entrando*.

Oh, meu caro Sr. Raposo! Que agradável surpresa! Como tem passado?

RAPOSO.

Vamos indo... E o senhor?

FONSECA.

Bem, obrigado. (*Ao criado*.) Deixa-nos. (*O criado sae*.) Recebeu a minha carta?

RAPOSO.

Sim, senhor, e por isso mesmo é que aqui estou.

FONSECA.

Então? Traz-me uma boa noticia?

RAPOSO.

Consultei a minha Felisberta... A pequena estima-o muito, e faz gosto em ser sua mulher... Eu tambem não me opponho... preferia que fosse a minha mais velha, a minha Angelica... mas enfim... amor não se obriga... Apenas imponho uma ligeira condição...

FONSECA.

E eu estou prompto a cumpril-a. Qual é?

RAPOSO.

Oh! o senhor vae rir-se... Aposto que se vae rir... Mas que quer? é uma mania que me appareceu... uma mania como outra qualquer...

FONSECA.

Explique-se, Sr. Raposo!

RAPOSO.

E' o que vou fazer, esforçando-me por lhe parecer o menos ridiculo possível.—Sr. Fonseca, eu não ia a theatros ha muito tempo... desde que morreu o João Caetano... Todos os generos theatraes me desgostavam, desde que não fossem representados por artistas excepcionaes...

FONSECA.

Mas:..

RAPOSO, interrompendo-o com um gesto.

Mas ha dous para tres annos, annunciou-se uma revista, *O Mandarim*, e, como eu não conhecia esse genero, fui ao Principe Imperial. Voltei de lá encantado!

FONSECA.

Devéras?

RAPOSO.

Encantadissimo. E apaixonei-me pelo diabo do genero! No anno seguinte a *Cocota*, e, neste anno, a *Mulher-Homem* e o *Bilontra* fizeram com que a minha paixão tomasse proporções incalculaveis!

FONSECA.

Mas, enfim, onde quer chegar o Sr. Raposo?

RAPOSO.

Quero chegar a esta conclusão... terminant o senhor, se quizer a mão da minha Felisberta...

FONSECA.

Meu Deus! eu tremo!

RAPOSO.

... trate de escrever uma revista de 1886.

FONSECA.

Oh, senhor! que ideia!... Eu não sou comedio-grapho!...

RAPOSO.

Faça-se. Aqui estou eu que não era negociante, e fiz-me. E o commercio é uma profissão muito mais difficil que a de auctor dramatico.

FONSECA.

Mas...

RAPOSO.

O meu sonho, o meu ideal é que minhas filhas casem com auctores de revistas. O meu desejo era dar a minha Felisberta ao Dr. Moreira Sampaio, a minha Angelica ao Arthur Azevedo, e a minha Clementina ao Valentim Magalhães... Mas, por desgraça, são todos tres casados! Ainda ha um solteiro, o Filinto de Almeida... Quero ver se lhe impinjo uma dellas... a mais velha...

FONSECA.

O senhor tem estado para ahi a dizer uma enfiada de absurdos!

RAPOSO.

Quaes absurdos nem meio absurdos! O senhor gosta ou não gosta da pequena?

FONSECA.

Se gósto! Se gósto!

ROMANÇA

I

Pergunte-me se adoro a bella musica,
No prado se aprecio a flor singela,
Do sol se me deslumbra o raio esplendido;
Mas não pergunte, oh, não! se eu gosto della!

II

Pergunte-me se gósto de uma pandega,
De amor a esmola se o meu peito anhela;
Dirija-me as perguntas mais exoticas,
Mas não pergunte, oh, não! se eu gósto della!

RAPOSO.

Está bom, não pergunto mais nada. Mas vejo-o em taes disposições, que só tenho a dizer-lhe uma coisa:

Mãos á obra! Querer é poder! Olhe, para provar-lhe o interesse que ligo a tudo isto, e o desejo, que tenho, de ser seu sogro... (*Vae á porta da esquerda e chama a quem.*) Pscio! Olá! Entra!...

FONSECA.

Que é?

RAPOSO.

Vae ver. (*Entra um carregador com uma grande cesta cheia de folhetos.*)

SCENA III

RAPOSO, FONSECA, UM CARREGADOR, que logo sae.

RAPOSO

Arria! (*Ajuda o carregador a arriar o cesto no centro da scena,—Ao carregador,*) Aqui está o carroto... (*Paga-lhe.*) Podes ir. (*O carregador sae.*)

FONSECA

Que papelada é esta?

RAPOSO.

Como o senhor não ignora, ou, pelo menos, não deve ignorar, a revista de anno é um genero theatral genuinamente francez. Pois bem: mandei buscar a Pariz quanta revista impressa pudesse ser alli encontrada... O senhor não tem que fazer... vive dos seus rendimentos... Em tres ou quatro mezes póde ler tudo aquillo... e depois d'esse trabalho, dou uma perna ao diabo se não estiver habilitado a escrever tambem uma revista... (*Apertando-lhe a mão*) Adeus! deixo-o com aquella bibliotheca... A mão de minha filha esta alli, no meio d'aquellas brochuras... Está alli a sua felicidade... Estão alli os elementos para um novo *Bilontra*, Aproveite-os, e, sobretudo, lembre-se de que a condição que lhe imponho é irrevogavel e formal!... O Sr. Fonseca só será meu genro depois que me apresentar a sua revista de 86!...

FONSECA.

Mas, senhor!...

RAPOSO

Nem mais uma palavra! Estamos em Janeiro (*D porta.*) Faça uma revista!... (*Sae.*)

SCENA IV

FONSECA, só, depois FRIVOLINA.

FONSECA.

Uma revista!! uma revista!... Este velho está maluco! diz-me que faça uma revista, como se isso fosse a coisa mais facil d'este mundo! E então eu que nunca tive geito para estas coisas! Estou mettido em boa, não ha duvida! E, pelos modos, o Sr. Raposo é inabalavel! — Oh! que ideia! vou ter com qualquer d'esses rapazes, que elle mencionou, exponho-lhe a minha situação e peço-lhe que me livre de semelhante embarço. Mas isso é lá possível!... com que cara vou encomendar uma peça, como se encomendasse um par de botas! Oh! Felisberta! minha Felisberta! quem me trará soccorro? (*Forte na orchestra, que continúa a tocar em surdina até as coplas. O cesto e as brochuras transformam-se n'um ramilhete, que se abre, e d'onde sae Frivolina*).

FRIVOLINA.

Eu!

FONSECA.

Oh! prodigio!

FRIVOLINA.

Vi o teu desespero e tive pena de ti.

FONSECA.

Quem és tu?

FRIVOLINA.

Eu chamo-me Frivolina, e sou a musa das revistas de anno.

FONSECA.

Ah!

FRIVOLINA.

COPLA

De Aristophanes sou neta;
Sagrou-me um grande poeta:
Nasci na Grecia pagan.
Troquei a satyra eterna

Pela pilheria moderna,
 Pelos saltos de um cancan.
 Quando vibro o meu latego,
 Sem compaixão, sem dó,
 Apanha o grande Socrates
 E apanha o Cayapó.

FONSECA.

Oh! mas, uma vez que és a musa das revistas de
 anno, uma vez que me dispensas a tua graciosa pro-
 tecção, tenho toda a certeza de alcançar a mão da mi-
 nha Felisberta!

FRIVOLINA.

Estou prompta a te servir de guia... Farás uma
 revista!

FONSECA.

Farei uma revista! Isto é um sonho!

FRIVOLINA.

Não é tal um sonho. Confia em mim. Podemos co-
 meçar a peça desde já. Como ponto de partida, procu-
 remos um reino phantastico. Qual ha de ser?

FONSECA.

Bem me perguntas a mim! Vê tu lá!... Só sei que
 é imprescindivel um jongo. Não ha revista sem jongo.

FRIVOLINA.

Socega. Havemos de achar um jongo. Pensemos
 antes no prologo. O Olympo não está explorado... Se
 puzessemos o prologo no Olympo?

FONSECA.

Achas?

FRIVOLINA.

Acho que daria bom resultado.

FONSECA.

Tambem eu. Demais, está agora tão em moda o *Oh!*
sujo! que toda a gente deve gostar d'esta variante *Oh!*
limpo!—Vamos!...

FRIVOLINA.

Não é preciso irmos a parte alguma. D'aqui mesmo tudo se arranja, graças ao poder maravilhoso de que disponho. E previno-te de que nos encarnaremos na pelle de outros personagens... Olha esse Olympo que saia! (*A scena transforma-se e apparece o Olympo. Nuvens por toda a parte.*)

QUADRO II

O OLYMPO

SCENA PRIMEIRA

FONSECA, FRIVOLINA, A CÔRTE DE JUPITER, depois
JUPITER, um REPOSTEIRO.

FRIVOLINA.

Ahi tens tu reunida a côrte de Jupiter.

FONSECA.

E' assombroso!

FRIVOLINA.

Vem commigo: faremos a nossa entrada a tempo.
(*Saem correndo. Os côros, que estão alinhados ao fundo, descem, dividindo-se em duas diagonaes.*)

CÔRO.

Olé! curvemo-nos
Sem mais tardar,
Que o grande Jupiter
Vae cá chegar.

(*Todos se curvam. Entra Jupiter, acompanhado de um Reposteiro.*)

JUPITER.

COPLAS

I

Cá está Jupiter Tonante,
O Zeus Pater immortal!
Conhecido eu sou bastante,
Tenho fama universal!

Excedi no ardor da guerra
Os melhores capitães,
Quando um dia puz por terra
Quatrocentos mil titães.

CÔRO.

Elle um dia poz por terra
Quatrocentos mil titães!...

JUPITER.

II

Mas de todos esses feitos
De que tenho sido auctor,
Não ha feitos tão bem feitos
Como os feitos por amor...
Já fui cysne, já fui touro...
E uma vez cahi até,
Transformado em chuva de ouro,
Nos jardins de Danaé!

CÔRO.

Transformou-se em chuva de ouro
Nos jardins de Danaé!

*(No fim do canto, Jupiter vae sentar-se em um throno
que deve estar ao fundo.)*

SCENA II

A CÔRTE DE JUPITER, JUPITER, UM REPOSTEIRO,
*depois e successivamente, á proporção que forem
nomeados,* NEPTUNO, THEMIS, MARTE, VULCANO,
APOLLO, MINERVA, CERES, BACCHO, MERCURIO,
CUPIDO.

JUPITER.

Do meu grandioso Olympo alado reposteiro,
Faze entrar e annuncia o ministerio inteiro.

O REPOSTEIRO.

Plutão, famoso deus, ministro das finanças;
Por lhe faltar com que...

(Signal de dinheiro).

já se tem visto em dansas...
 Neptuno, um sabichão, ministro da marinha,
 Sujeito tão sagaz que ás vezes adivinha ;
 Themis, deusa gentil, ministra da justiça,
 A's vezes inconcussa e ás vezes dobradiça.
 Marte, o deus valoroso ; é o ministro da guerra,
 Que toda, toda a terra aterra quando berra !
 O ministro da industria, o misero Vulcano,
 Cuja historia fatal dá para as mangas panno.
 Apollo ! eil-o ! o ministro elle é das bellas-artes ;
 Não lhe dão que fazer no ministerio as partes.
 Esta é Minerva ; a deusa é da sabedoria ;
 Da publica instrucção ministra prestadia.
 Da agricultura ahi vem a ministrona Ceres...

JUPITER.

No governo, ai de nós ! contamos tres mulheres !

O REPOSTEIRO.

Dos vinhos o ministro ! E' Baccho, o deus da uva ;
 Elle é quem póde mais, porque é o manda-chuva.
 Mercurio, o genial ministro do commercio,
 Que tem ultimamente andado muito cercio.
 Cupido, o deus do amor, ministro de estrangeiros ;
 Nenhum como elle tem dous olhos tão bregeiros.

JUPITER, á côrte.

Bem ! deixae-me ficar á sós co'o ministerio.
 Reune-se o conselho : o caso é muito serio.

CÔRO.

Olé ! safemo-nos
 Sem mais tardar,
 Que o grande Jupiter
 Quer só ficar.

(Jupiter e os ministros ficam sós.)

SCENA III.

JUPITER, OS MINISTROS

JUPITER.

Sentae-vos todos.

(Obedecem.)

Bem ! Reunido o conselho
 De ministros está, e isto é costume velho.
 Venho de uma jornada. Andei tresentas leguas.
 Matei vinte animaes : dez burros e dez eguas.
 Escolas visitei .. examinei rapazes...
 Estas gambias mostrei de quanto são capazes ;
 E toda a minha immensa e illustre comitiva
 No caminho ficou mais morta do que viva.
 Mas, em vez de ir deitar-me e descansar, reuno
 O Amor, Ceres, Plutão, Baccho, Themis, Neptuno,
 Mercurio, Marte, Apollo, e Vulcano, e Minerva.
 Não falta aqui ninguem desta magna caterva
 Que ha de reconhecer que tem um rei de bronze !

(Contando os ministros.)

Quatro e dous seis, e tres são nove e um dez, e um onze.
 — Que tens feito, Plutão, ministro das finanças ?
 Sobre os lucros acaso apathico descansas ?

PLUTÃO.

Dous empréstimos fiz : um pequenino : interno...
 Outro maior !

JUPITER.

Maior ?

PLUTÃO.

Muito maior : externo...
 Todo o povo, senhor, pulou de satisfeito.
 Apenas um ou outro inepto, por despeito,
 Achou que era mostrar-me extremamente fraco
 Um buraco tapar abrindo outro buraco.
 Da apolice, papel absurdo e quasi odiento,
 Os juros reduzi de cinco a seis por cento.

JUPITER.

Como de cinco a seis ?! Brincando estás ?

PLUTÃO.

Não brinco.

Disse de cinco a seis ? Pois bem : de seis a cinco.

JUPITER.

E não fizeste mais ?

PLUTÃO.

Puz em circulação
Um bello nicoláo que val meio tostão.

JUPITER.

Pois não fizeste pouco; ha vaga no Senado :
Senador has de ser.

PLUTÃO.

Muitissimo obrigado.

JUPITER.

Cabe-te agora a vez, aquatico Neptuno ;
Dize-me o que tens feito.

NEPTUNO.

Eu cá não te importo
Com longa narração ; bem pouco tenho feito,
É o ministerio meu tem sido bem aceito.

JUPITER.

Senta-te, conselheiro. O' pudibunda Themis,
Que foi ? que succedeu ? Parece-me que tremes !
Acaso, minha flor, tens culpa no cartorio ?
Vamos ! conta-me tudo !

MERCURIO.

Olha esse relatorio !...

THEMIS.

Tua colera, senhor, da luz do sol me prive !
Durante muito tempo estive ausente... estive !
No tribunal do Jury a espada da Justiça
Mostrou-se desta vez espada de cortiça,
E provado deixou que, tendo algum dinheiro,
Bem póde uma mulher matar o mundo inteiro.
P'ra isso bastará saber soitar uns gritos,
E a proposito ter uns quatro faniquitos.

JUPITER.

Que mais fizeste ?

THEMIS.

Alguns tenentes-coroneis,
E arrumei quatro mil e vinte bachareis.

JUPITER.

Marte, cabe-te a vez.

MARTE.

Nas leis abroquelado,
 Fiz coisas que não sei se são do teu agrado.
 Eu quando prendo, prendo; eu quando ralho, ralho.
 Pois bem: preendi, ralhei, mostrei pr'a quanto valho!
 Houve o diabo, e, afinal, alguém que deu cavaco
 Acabou por metter a viola no sacco.

JUPITER.

Não pude comprehender nada do que disseste:
 Mais tarde o explicarás. Vulcano, que fizeste?

VULCANO.

Da industria sou ministro... a industria está deitada
 Perguntas-me o que eu fiz. Meu velho, eu não fiz nada.
 Instado em petições as mais impertinentes,
 Concedi de invenção trezentas mil patentes.
 Mas, por via de regra, em tendo o meu despacho,
 Invenção e inventor lá vão por agua abaixo.

JUPITER.

Apollo, agora és tu; podes fallar. As artes
 Têm nos esforços teus ingentes baluartes.
 As artes como vão?

APOLLO.

Se mal, nunca maleitas;
 Nós temos o De Wilde e temos o Vieitas;
 O Luxemburgo e o Louvre. E' bem pequeno o alforge.
 Houve uma exposição na rua de S. Jorge...

JUPITER.

Exposição de que?

APOLLO, *com desdem.*

Trabalhos dos alumnos.

Da nossa Academia.

JUPITER.

Olá!

APOLLO.

Uns importunos
 Que merito não têm. Dous celebres pintores,

Da mesma Academia illustres professores,
Andam a viajar. Um d'elles tem licença
Para ser aqui mestre e viver em Florença.

JUPITER.

Bonito!

MERCURIO.

Póde dar lições por telegramma.

JUPITER.

O outro que foi fazer?

APOLLO.

Pintar um panorama.

Fez uma associação sob optimos auspicios,
Para á Europa mostrar os nossos edificios.

JUPITER.

Minerva, minha filha amada, que tiveste
Da publica instrucção a pasta — que fizeste?

MINERVA.

Suspendi das funcções um certo mestre-escola.

JUPITER.

Devéras?

MINERVA.

Sim.

JUPITER.

Porque?

MINERVA.

Metteu-se-lhe em cachola

Vergastar sem piedade uma infeliz criança
E gabar-se depois a toda a visinhança.

VULCANO.

Fez elle muito bem. Eu tenho lá meu filho.
Em se portando mal, que apanhe o peralvilho.

JUPITER, *a Ceres, que está dormindo.*

O' Ceres, tu que tens da agricultura a pasta,
Dize-me o que fizeste. O que fizeste?

Basta,

(*Ceres resonna.*)

E Baccho, o deus do vinho, o deus de mais devotos,
Que fez enquanto andei por páramos remotos ?

BACCHO.

Bebidas condemnei a não serem bebidas.

JUPITER.

E deixaram de o ser ?

BACCHO.

Talvez... ás escondidas...

JUPITER,

E o vinho ?

BACCHO.

Eu sempre ouvi dizer que é máo amigo :
Que desgraças sem conta o vinho traz comsigo ;
Por isso habituar eu quiz o Zé Povinho
Certo vinho a beber que é viinho e não é vinho.
Senhor, vejo-me n'uma enorme lufa-lufa !
Além de não andar lá fóra a uva á ufa,
Preciso proteger a industria, que se meche,
E á altura de um principio erguer o páo campeche.
O povo está commigo, o povo inteiro diz :
Não ha vinho melhor que os vinhos do paiz .
Eis a questão : *paiz...* *P* grande ou *p* pequeno ?
Que não confunda o povo o nectar e o veneno !

MERCURIO.

Coitado ! está na chuva !

JUPITER.

Em épocas preteritas
Um grande sabichão lá disse : *In vino veritas.*

BACCHO.

COPLA

A questão causou tanto azedume,
Que não póde acabar muito bem :
Foi até publicado um volume,
Que eu não sei quantas paginas tem !
Esta luta os burguezes aterra,
Mas a graça é que a gente que a faz
Foge toda dos campos da guerra,
E dirige-se aos campos da paz.

JUPITER.

Pódes sentar-te, Baccho. Um velho te aconselha
Que trates de esfregar limão atraz da orelha.
Mercurio !

MERCURIO.

Prompto !

JUPITER.

Falle a pasta do commercio.

MERCURIO.

Esta pasta, senhor, já não vale um sestercio.
O negocio vae mal neste paiz. Quebradas
Muitas firmas estão com fama de abastadas.
Só do credito vive o negociante honrado.
Dinheiro ? Qual dinheiro ! Stá tudo esbodegado :
Funda-se um banco e logo o povo inteiro acode ;
Mas abundancia tal que a ninguem mais engode,
Pois é signal que o cobre está muito vasqueiro,
E, seja como for, é bom fazer dinheiro.
Para que conheçaes o estado desta praça,
E até que ponto chega a indomita desgraça,
Dizer-vos bastará que da Bolsa o edificio
Ainda não passou do informe frontespicio,
Architectura aliás bastante discutida.
Da Bolsa a construcção ficou interrompida,
A' espera de que alli simples acaso ponha
Um pouco de dinheiro e um pouco de vergonha.

JUPITER.

Teus argumentos são profundos, verdadeiros.
Cupido, eu confiei-te a pasta de estrangeiros.

CUPIDO.

Nós estamos, senhor, em paz com toda a gente,
Sim, muito embora alguém nos arreganhe o dente.
Por isso nada fiz. Por causa de uma nota,
Muitas notas paguei.

JUPITER.

Que é lá ?

CUPIDO.

Não foi patota.

No mais, joguei o whist, dansei... fiz-me sympathico
A's damas em geral e ao corpo diplomatico.

JUPITER, *erguendo-se.*

Bem! bem! está dissolvido o conselho.

TODOS, *erguendo-se tambem.*

Ora graças!

MERCURIO, *a Jupiter trazendo Cupido pela mão.*

Queremos que um favor benevolo nos faça.

JUPITER.

Esse favor qual é?

CUPIDO.

Oh! Jupiter, consente
Que baixemos á terra os dous, e promptamente.

JUPITER.

Mas... que ides lá fazer?

CUPIDO.

Uma revista de anno.

MERCURIO.

Esta descida entrou no respectivo plano.

JUPITER.

È as pastas?

CUPIDO.

Ficarão nas mãos de outros ministros.

(Mercurio e Cupido entregam as pastas a Jupiter.)

Não faça por piedade uns olhos tão sinistros.
De volta em breve estou.

MERCURIO.

Voltaremos depressa.

CUPIDO.

Precisamos descer, senão termina a peça.

JUPITER.

Pois desçam, por Saturno!—Automedonte! Olá!
Semi-deuses, olé! Que todos venham cá!

SCENA IV

OS MESMOS, OS CÓROS, depois AUTOMEDONTE.

FINAL

CÔRO.

Nossa presença reclama
O Zeus Pater immortal!
Porque Jupiter nos chama?
Aconteceu-lhe algum mal?

JUPITER.

Mercurio e Cupido vão ambos partir!
Toca a despedir!

MERCURIO E CUPIDO.

Vamos p'ra terra a todo panno
Entrar n'uma revista de anno!

CÔRO.

Oh! que immortaes
Originaes!...

JUPITER.

Automedonte!

CÔRO.

Automedonte! Automedonte!

AUTOMEDONTE, *entrando*.

Automedonte chamo-me,
E Doris é meu pae:
O meu valor á historia
Em direitura vae!
Sou agil, sou levipede,
E quem conduz sou eu
O carro e mesmo o tilbury
Do filho de Peleu!

Clic! clac!

Clic! clac!

CÔRO.

Clic ! clac !

MERCURIO e CUPIDO.

Até á vista !

Vamos fazer uma revista !

CÔRO.

Adeus ! Adeus !

Amigos meus !

(Cupido e Mercurio saem, acompanhados por Automedonte).

JUPIYER.

Para a partida celebrar,

E' dansar !

CÔRO.

Dansar ! dansar !...

(Cancan desenfreado. Fogos. Rasgam-se as nuvens do fundo e vê-se passar um carro phantastico, levando dentro Mercurio e Cupido, e boleado por Automedonte.)

QUADRO III

O CARRO DE AUTOMEDONTE.



ACTO SEGUNDO

QUADROS IV E V

O largo da Carioca. E' de madrugada. Os lampeões têm uma luz mortiça. Um véo de gase no proscenio. Estão em scena Mercurio e Cupido.

SCENA PRIMEIRA

MERCURIO, CUPIDO, depois Povo.

MERCURIO.

Não posso mais !

CUPIDO.

Eu morro de cansaço !

MERCURIO.

Que incommoda jornada ! Automedonte
 P'los ares nos levou de monte em monte,
 Vencendo o longo espaço...
 Ha apenas um momento
 Chegámos e o phantastico vehiculo,
 P'ra evitar o ridiculo,
 Subio logo de novo ao claro assento,
 Mais rapido que o vento !

CUPIDO.

Que o proprio pensamento !

MERCURIO *ao publico.*

Se mais depressa vae acima o panno,
 Inda o verieis remontar aos ares,
 Pairando airoso sobre terra e mares.
 — Eia ! Tratemos da revista do anno !

CUPIDO.

E' cedo. A roxa aurora...
 Inda não está de fóra...
 Cantam ainda nos quintaes os gallos.
 Eu sou o amor... é esta a minha hora...
 Se neste instante os peitos fossem sinos
 E os corações badalos...

MERCURIO.

Que barulho infernal, deuses divinos!

CUPIDO, *vendo a Companhia do Gaz que atravessa ao fundo
 munida de um apagador.*

Uma mulher?...

MERCURIO.

De madrugada! E' obra!...

(Approximando-se della.)

Se tens tempo de sobra
 Formosa dama, dize-me o teu nome.

A COMPANHIA DO GAZ.

Por vagabunda aqui ninguem me tome!

COPLAS

I

Meu gaz é muito barato ;
 De graça quasi que fica ;
 Comquanto eu não seja rica,
 Bem pouco me satisfaz.
 A tão formosa cidade
 Prestar vou muitos serviços :
 Vereis em breve os cortiços
 Illuminados a gaz.
 Fóra a luz electrica
 Que a ninguem seduz !
 Viva o meu gazometro
 Que dá luz
 De truz !

II

O diabo é se os meus freguezes
 Fazem todos o reparo
 De que o barato sae caro,
 Por não ter força o meu gaz ;
 Dão pouca luz os meus bicos,
 Por mais que a chave se torça ;
 Que tenha, pois, o gaz força,
 Só crê quem não fôr sagaz.

Fóra a luz electrica ! etc.

Sou, pois, do gaz a nova companhia,
 E ando a apagar os lampeões, que é dia.

MERCURIO.

Dia dizes ? Hom'essa !
 Nem mesmo a aurora a despontar começa !

(Ouve-se um tiro longinquo.)

Olha !... o tiro de peça !

CUPIDO, *aparte.*

Tivesse eu tempo, e afortunado iria
 Companhia fazer á companhia !

MERCURIO.

Sé apagas os lampeões nestas alturas,
 Todos nós ficaremos ás escuras.

A COMPANHIA DO GAZ.

Nada tenho com isso. O meu contracto
 Tal regalia trouxe.

E então ? Se assim não fosse,
 Como eu pod'ria um gaz dar tão barato,
 Que tão barato assim ninguem o vende ?

CUPIDO.

O barato sae caro. Eu sempre ganho,
 Se gasto mais e deixo o rebutalho.

A COMPANHIA DO GAZ.

Vou apagar os lampeões !

MERCURIO.

Suspende!

Vê que as familias passam para o banho,
E os operarios passam p'r'o trabalho.

*(Effectivamente, distingue-se uma massa confusa
de gente que passa.)*

A COMPANHIA DO GAZ.

Ora vae te catar!

(Vae apagar os lampeões.)

CUPIDO.

Faz o que diz!

MERCURIO.

Não vejo um palmo adiante do nariz!

*(A scena fica o mais escuro que fôr possível. As pes-
soas do povo descem ao proscenio. Cupido e Mercurio
confundem-se com a turba multa.)*

CÔRO.

Não distingo nada
Nesta escuridão!
Ha de ser difficil!
Ir ao Boqueirão!
Ora, francamente,
Isto não se faz!
Inda é noite escura,
Já se apaga o gaz!

MERCURIO.

Eu vou salvar a situação,
Fazendo a Appollo invocação.

Appollo, eu te supplico:
Accende o teu pharol,
E manda-nos, meu rico,
Hoje mais cedo o sol.

*(A scena torna-se repentinamente muito clara. Sobee
o véo de gase.)*

CÔRO.

Oh !...

Claro dia refulgente
De repente appareceu !
Não sabemos francamente
Como tal aconteceu !...

(*O povo sae. Mercurio e Cupido apparecem vestidos à moda.*)

MERCURIO, *declamando.*

Eis-nos ambos por encanto
Da terra á moda trajados ;
Nestas roupas enjorcados,
NÃO causaremos espanto.

CUPIDO.

Nós de ser deuses deixámos...
Agora o caso é diverso...
Ponhamos de parte o verso
E em prosa nos exprimamos.

MERCURIO.

Proposta muito acertada,
Caro Cupido, foi essa.
Vamos ! Attenção ! Começa
Dos typos a desfilada !

SCENA II.

MERCURIO, CUPIDO, O CANDIDATO, *depois* O NUNES.

O CANDIDATO, *entrando.*

Ah ! meus senhores, estou eleito ! que felicidade !
que ventura ! estou eleito vereador ! Como sou feliz !
Eleito ! (*Sahindo.*) Eleito ! Eleito !

CUPIDO.

Ahi vae um typo satisfeitissimo por ter sido eleito
vereador, um cargo gratuito e cheio de espinhos.
Poucos são os que saem limpos da Camara.

MERCURIO.

Mas bastantes são os que a limpam.

O NUNES, *entrando muito irritado.*

Ora esta ! ora esta ! Imaginem os senhores que eu estava no seio de Amphytrite.

CUPIDO.

Onde ?

O NUNES.

No Boqueirão do Passeio...

MERCURIO.

De Amphytrite. Adiante.

O NUNES.

Como sabem, eu sou um insigne nadador... De repente, um amigo que se banhava ao meu lado... um amigo que por signal não nada.

CUPIDO.

Nada !

O NUNES.

Nada !

MERCURIO.

Má! nada ou não nada ?

O NUNES.

Pois se eu lhes digo que não nada nada ! Oh !—Mas esse amigo aproximou-se de mim e disse-me : Oh ! Nunes ! (Eu chamo-me Nunes.)

MERCURIO.

Parabens.

O NUNES.

Muito obrigado. O' Nunes, já viste as taes navalhas mecanicas ? Que navalhas mecanicas ? ! exclamei sobresaltado. As que vieram de Pariz, e com as quaes póde fazer a barba o individuo mais nervoso, sem auxiloi de barbeiro ! Não quiz saber de mais nada porque eu

antes de ser auctor dramatico, sou artista capillar. Mergulhei, sahi na praia, vesti-me, e cá estou.

CUPIDO.

Ah! o senhor tambem é...

O NUNES.

Ainda neste momento tenho em mãos um drama em 5 actos, e esse trabalho tanto pertence ao barbeiro como ao dramaturgo.

MERCURIO.

O titulo?

O NUNES.

« Os filhos da navalha. »—Meus senhores adeus! vou procurar um advogado! Indicam-me algum?

MERCURIO.

Pois não: o Dr. Mello Pitada.

O NUNES.

Vou tomal-o. Muito obrigado. (*Sae.*)

O CANDIDATO, *voltando.*

Não estou eleito! é uma infamia! O juiz mandou proceder a novo escrutinio! Não estou eleito! Ora vejam que desaforo! (*Sae pelo lado opposto.*)

MERCURIO.

Este diabo ainda fica maluco com a eleição!

CUPIDO.

Ahi vem mais! ahi vem mais!

MERCURIO.

Não temos mãos a medir.

SCENA III.

MERCURIO, CUPIDO, O BOTICARIO RICO, ROBERTINO,
depois O CANDIDATO.

ROBERTINO e O BOTICARIO.

E' um attentado! Isto só se vê nesta terra!...

MERCURIO.

Que é isso, meus senhores? Que lhes fizeram?

AMBOS.

Somos duas victimas da Inspectoria de Hygiene.

CUPIDO.

Falle cada um por sua vez.

ROBERTINO.

Primeiro eu, que sou lettrado.

O BOTICARIO.

Primeiro eu, que só acções do Banco do Brasil tenho tres mil.

CUPIDO.

Tres mil acções! Oh!... (*Faz ao Boticario uma reverencia tão grande que chega a beijar-lhe os pés.*)

MERCURIO, *baixo a Cupido.*

Então? que bajulação é essa?

CUPIDO, *baixo.*

Pois não te lembras que eu sou o amor?

MERCURIO, *aparte.*

Este Cupido é cúpido!

CUPIDO, *ao Boticario.*

Falle em primeiro logar V. Ex... O dinheiro dá-lhe todas as primazias...

ROBERTINO.

Ora! que vale dinheiro sem isto? (*Bate na cabeça.*)

MERCURIO.

Sem careca?! Deixe-se disso: careca não vae á missa Cubra o queijo.

BOTICARIO.

Ahi vae a minha grande queixa: multaram-me por exercicio illegal da medecina!

MERCURIO.

Multaram-no ? E' extraordinario ! Decididamente este paiz vae á garra ! Já se multam os ricos !—Mas o senhor... perdão... V. Ex. naturalmente exercia a medicina sem ser medico...

ROBERTINO.

Mas é boticario.

O BOTICARIO.

Pharmaceutico, se faz favor... e, além de ser pharmaceutico, tenho tres mil acções...

MERCURIO.

Do Banco. Neste paiz não ha justiça, meu caro doutor.

O BOTICARIO.

Ah ! mas eu vou pregar-lhes uma boa peça.

OS OUTROS.

Qual ?

ROBERTINO.

Vae fechar a botica...

O BOTICARIO.

A pharmacia, se faz favor. Fecho a pharmacia e pespego-lhe na porta este letreiro : «Esta pharmacia deixou de funcionar; não se mudou; não tem filial nem sucursal em parte alguma.» E ainda mais : «Cette pharmacie a cessé de fonctionner.»

MERCURIO.

Oh ! não faça isso ! Sem a sua pharmacia, que ha de ser da mocidade estudiosa ?

O BOTICARIO.

Hei de dar que fallar de mim ! Nas ruas, nos botequins, nas casas, nas repartições publicas, nos pontos dos bonds, por toda a parte só se dirá :—Elle fechou a casa ! Elle fechou a casa !

MERCURIO.

Isso é bom de dizer. O publico tem muito em que se occupar, e eu duvido muito que o fechamento de sua casa lhe faça tanta mozza... apezar das tres mil acções...

O BOTICARIO, *enchendo a bocca.*

Do Banco.

MERCURIO.

Se o senhor... se V. Ex. quizer dar que fallar de si, pratique uma acção que, até hoje, apezar das taes tres mil, ainda não se lembrou de praticar...

O BOTICARIO.

Qual?

MERCURIO.

Faça esmolos...

O BOTICARIO.

Ora viva! Vou encommendar a taboleta!... (Sae.)

ROBERTINO, *subindo e querendo acompanhar-o.*
O' collega! Espere!...

CUPIDO, *retendo-o.*

Perdão, o senhor ainda não nos disse quem é.

ROBERTINO.

Pois não sabem?

OS DOUS.

Não!...

ROBERTINO.

Homem, é extraordinario!... Pois, meus senhores) eu sou o auctor de vinte volumes sobre jurisprudencia e de cincoenta polkas executadas em todos os pianos da capital... Aquella celebre polka: Tra la la...

OS DOUS.

Tra la la la la...

ROBERTINO.

Sou tambem o autor do xumby.

MERCURIO.

Conheço... E' outra polka...

ROBERTINO.

Que polka! E' um medicamento contra a tísica...

CUPIDO.

Em primeiro gráo?

ROBERTINO.

Em terceiro. O xumby só cura os desengana-
dos.

OS DOUS.

Ah !...

O CANDIDATO, *voltando.*

Sabem ? Estou eleito ! Estou eleito ! Oh ! que felici-
dade ! oh ! que ventura ! Eleito !... (*Sae pelo lado*
opposto.)

ROBERTINO.

Eu sei o que aquillo é... Tambem já fui can-
didato...

CUPIDO.

Mas o doutor é um homem extraordinario ! Tem
sido...

ROBERTINO,

Tudo. Mas agora descobri um medicamento preven-
tivo do cholera : a Robertina... Cá está elle.. (*Tira*
um vidro da algibeira.) Este primeiro vidro é para ser
tomado antes da molestia... Este segundo é para ser
tomado durante a molestia... Este terceiro é para ser
tomado depois da molestia...

MERCURIO.

Nesse caso, parece-me que o primeiro e o ultimo são
dispensaveis.

CUPIDO.

E o segundo tambem.

ROBERTINO.

Perdão : o primeiro previne, o segundo remedeia, e o terceiro... o terceiro...

MERCURIO.

O terceiro não se toma.

ROBERTINO.

Ou isso.

CUPIDO.

Mas se o primeiro previne...

MERCURIO.

Não se precisa do segundo, que remedeia...

CUPIDO.

E muito menos do terceiro, que...

MERCURIO.

Que ou isso !

ROBERTINO.

Ora ! e eu a gastar palavras ! Os senhores estão fazendo concorrência á Inspectoria de Hygiene, que condemnou o meu especifico e me mandou fechar...

MERCURIO.

A botica ?

ROBERTINO.

O laboratorio, se faz favor !—Ora vivam ! (*Sae.*)

MERCURIO.

Sim, senhor, por ora não vamos mal de typos.

SCENA IV

MERCURIO, CUPIDO. A CARABINA CHU-CHU'.

MERCURIO.

Oh, que moça papa-fina !

CUPIDO.

Dize, meu bem : quem és tu ?

A CARABINA.

Eu chamo-me a Carabina...

MERCURIO.

Não diga o resto, menina :
A Carabina Chú-chú.

CUPIDO.

Tem um rosto em nada feio... ;

A CARABINA.

Isto são partes, yôyô...

MERCURIO.

Menina, de onde é que veio?

A CARABINA.

Cheguem-se a mim sem receio,
Pois carregada não estou.*(Os dous se approximam.)*

COPLA.

Eu nasci na terra
Do vatapá;
Outra arma de guerra
Como eu não ha.
Quando se dispara,
Por Belsebuth!
Faz tremer a cara-
Bina Chú-Chú.
Vou matar a todo mundo !
Todo mundo vou matar !
Tinta tiros por segundo
Sem descanso posso dar !

OS TRES.

Vou	matar a todo mundo !
Vae	

Etc., etc.

*(A Carabina sae.)*O CANDIDATO *entrando pelo lado opposto.*Mentira ! não estou eleito ! annullaram ainda uma
vez ! Que desgraça ! Que desgraça e que patifaria ! *(Sae.)*

MERCURIO.

Se este typo ainda me apparece, mando-o para o Hospicio.

SCENA V

MERCURIO, CUPIDO, PERNINHA, depois uma Malta de Capoeiras, depois outra.

PERNINHA.

Os senhores não estão bem aqui...

MERCURIO.

Porque?

PERNINHA.

Vae haver batalha entre nagôas e guayamús.

CUPIDO.

Ah! o senhor é...

PERNINHA.

Guayamú legitimo e chefe de malta. Nós costumamos a funcionar de noite... hoje viemos de menhan cedo por causa dos grilos... (*A scena vae se enchendo de capoeiras, que entram com precaução.*) Ha dous dias que a bandeirinha encarnada frutua no fio do telephone. Vamos entrar bonito no passo do constrangimento. (*Mostrando os capoeiras.*) Olhe.

MERCURIO, a Cupido.

Vão encontrar-se peito a peito os dous partidos militantes que mais importancia têm na politica deste paiz: o nagôa e o guayamú. Acho prudente nos retirarmos.

CUPIDO.

Prudentissimo. (*Comprimentam ambos respeitosamente o Perninha.*) Cavalheiro...

MERCURIO.

Sempre ao dispor de V. S. (*O Perninha comprimenta-os com ar de protecção—Baixo a Cupido.*) Nada! é preciso tratál-os com muita consideração e respeito: são os donos da terra!

(*Saem Mercurio e Cupido. Os capoeiras descom formados ao proscenio,*)

CÔRO.

Cautela ! cautela !

Prestae attenção !

Que os nagôas na esparrella

Bem depressa cahirão !

Preparemos a navalha !

Haja toda a precaução !

Vae haver grande batalha !

Vae haver grande funcção !

PERNINHA.

Quando eu entro de massada,

Ai do degas mais pimpão !

Tome a bella cabeçada,

Vá apanhar terra no chão !

(Repetição do côro.)

PERNINHA.

Os nagôas ! Attenção ! Fogo !

(Entra outra malta de capoeiras e atraca-se com a que está em scena. Grande conflicto. Mutação.)

QUADRO V

Sala pobre. Ao fundo uma rotula que dá para a rua.

SCENA PRIMEIRA

MANDUCA, O PORTEIRO, O BARBADINHO, depois MARICOTA, ZEPHA, mais tarde O PERNINHA, OLHO-VIVO, MATA-LOGO, FURÃO, CAPOEIRAS, JOGADORES.

MANDUCA, *entrando e dirigindo-se ao porteiro que está à rotula.*

Então, seu compadre, os homes vêm ou não ?

O PORTEIRO.

O Perninha agora mesmo passou por aqui, e disse que não se demorava com a rapaziada.

O BARBADINHO, *entrando*.

Ora viva, seu Manduca! A troça vem ahi... O Olho-Vivo, o Mata-Logo, o Furão... Tudo quanto é gente de canella desempenada!

MANDUCA.

Bravotes! O visprinha vae está quente!

O BARBADINHO.

Eu estava alli no largo de São Domingos, e logo que vi que havia influencia de massada, rodei e vim cahi no becco.

MANDUCA, *chamando*.

Zepha! Maricota!

ZEPHA, *entrando*.

Que é, seu Manduca?

MARICOTA, *entrando*,

Que modos de gritá! Está pegando fogo na casa?

MANDUCA.

E' que vamos ter hoje muita freguezia. E' preciso ter tudo prompto.

ZEPHA.

Já botei as colleccões todas na meza.

MARICOTA.

Eu tambem já preparei tudo para o café.

MANDUCA.

Vê lá como tiras os numeros. Ha dous dias que a casa está caipora. E' preciso desforrá!

MARICOTA.

Quando o Furão fica ao pé da gente não, se póde fazer uma esperteza.

ZEPHA.

O diabo do home é vivo como quê!

MARICOTA.

Mas hoje me assento do outro lado, deixa está.

O PORTEITO.

Lá vêm elles! (*Entram ruidosamente os personagens já mencionados.*)

CÔRO.

Viva a bella rapaziada,
Sempre alegre e jovial!
Viva o jogo! não ha nada
Que lhe possa ser igual!
Elle causa-nos delicia!
Faz a gente palpitar!
Leve o diabo a tal policia!
Vamos lá! Toca a jogar!

OLHO-VIVO.

Ora viva a siá Zepha e a siá Maricota!

FURÃO.

Oh, Manduca! como vae essa bizzarria?

ZEPHA.

Uma sua criada, seu Armeida.

PERNINHA.

Póde chamar Perninha... Chame pelo vulgo que eu cá não me espevito.

MANDUCA.

Então vamos á obra?

PERNINHA.

Isso! vamos cahi no serviço, que logo temos reunião de massada no largo da Carioca.

MANDUCA.

P'ra que?

OLHO-VIVO.

Pois você não vio a fita? Os nagôa estão nos provocando.

FURÃO.

E os guayamús hão dem mostrar p'ra quanto presta! Ou bem que semos ou bem que não semos!

MARICOTA, *a Olho-vivo.*

Veja lá, seu aquelle; olhe alguma navalhada. Eu não sei p'ra que vocês hão de estar sempre com estas inticaç es. Que gente levada!

O BARBADINHO.

Está bom, basta, que perciso arranjà umas pellega.

FURÃO.

E eu! Toda a minha fortuna são dous mil bodes.

OLHO-VIVO.

Vamos! Olha esses nicoláo!

TODOS.

Vamos! (*Saem repetindo o côro.*)

SCENA II

FONSECA, FRIVOLINA, vestida de homeu; depois
UM EMBUÇADO.

FRIVOLINA.

Cá estamos nós n'uma casa de jogo de terceira classe.

FONSECA.

Vê lá em que me mettes. Isto aqui não me cheira bem, e o filho de meu pae não nasceu para andar por espeluncas.

FRIVOLINA.

Nada receies.

FONSECA.

Mas tu fallaste em terceira classe; ha então casas de jogo de primeira e segunda classe?

(*Deste momento até o final da scena IV ouve-se a voz de Manduca apregoando os numeros, e de vez em quando com os termos da respectiva gyria ; ouvem-se tambem os commentarios dos jogadores.*)

FONSECA.

Heim ?

FRIVOLINA.

Não faça caso : principiou o vispora. A's casas de jogo de primeira classe só vae uma certa roda... e só vae uma roda certa... Conselheiros, diplomatas, generaes, negociantes de grosso trato, titulares. Nas de segunda classe a sociedade é mais variada: ha de tudo como na botica.

FONSECA.

E a policia ?

FRIVOLINA.

A policia de vez em quando apparece na segunda e terceira classe, mas os jogadores pagam a multa, e no dia seguinte recomeça a vidinha.

FONSECA.

Então as casas de terceira classe...?

FRIVOLINA.

Ah ! nestas a sociedade é de outra especie, vaes ver... Entretanto, tambem aqui... (*Vendo o embuçado, que entra cautelosamente.*) Olha ! Fallae no máo...
O EMBUÇADO, *approximando-se com muito mysterio de Frivolina, á meia voz.*

Já começou ?

FRIVOLINA, *arremedando-o.*

Já. (*O embuçado sae com as mesmas cautelas.*)

FONSECA, *intrigado.*

Quem é ? (*Frivolina diz-lh'o ao ouvido.*) Oh ! Isso é lá possível !... Um homem tão sério ! E naquella posição !... Pois Sua Ex. não tem onde jogar senão aqui ?

FRIVOLINA.

Que queres? E' um figurão que tem a nostalgia da espelunca.—Tens medo de ir lá dentro?

FONSECA.

Confesso que...

FRIVOLINA.

Nesse caso, espera-me aqui... Vou ver se a freguezia está animada. Se não houver perigo, virei buscar-te. (*Sae.*)

SCENA III

FONSECA, depois UM CAVALHEIRO.

FONSECA.

Pois, sim, senhores... a tal Frivolina conhece o Rio de Janeiro melhor do que eu!... (*Passeia no proscenio.*)

O CAVALHEIRO, *entrando.*

Apanho-o a geito... Vi-o entrar... Tem cara de simplorio...

FONSECA, *reparando.*

Quem será este sujeito?

O CAVALHEIRO.

Parece-me que me enganei, meu senhor... Não mora aqui o vigario da freguezia?

FONSECA.

Parece-me que não... Estou aqui á espera de um amigo... (*Aparte*) Dar-se-á caso que o vigario tambem jogue o vispora?

O CAVALHEIRO, *contrariado.*

Ora esta! disseram-me que elle morava aqui... (*Ouvindo apregoar os numeros.*) Que é isto?

FONSECA.

Estámos n'uma casa de jogo de terceira classe!

O CAVALHEIRO, *fingindo-se admirado e indignado.*

Oh!...

FONSECA.

Mas não me julgue mal... Estou aqui apenas como observador... Ando a procurar elementos para uma revista.

O CAVALHEIRO.

Ah! V. S. é escriptor?

FONSECA.

Por incidente.

O CAVALHEIRO, *aparte*.

Por incidente... E' tolo! cae como um patinho...

FONSECA.

Como diz?

O CAVALHEIRO.

Estou n'um grande embaraço. Estimei muito encontral-o.

FONSECA.

Ah!

O CAVALHEIRO.

V. S. tem cara de boa pessoa.

FONSECA.

Obrigado.

O CAVALHEIRO.

Parece-me homem de bem.

FONSECA.

Obrigadissimo. (*Aparte*.) E' muito delicado!

O CAVALHEIRO.

~~Eu~~ E vae prestar-me um serviço... Oh! mas um serviço que jamais esquecerei.

FONSECA.

Mas eu não o conheço...

O CAVALHEIRO.

Os homens honestos conhecem-se sempre.

FONSECA.

Trata-se então?...

O CAVALHEIRO.

Eu tenho um tio, que ha quinze dias entregou a alma ao Creador.

FONSECA.

Então não tem : tinha.

O CAVALHEIRO.

Tinha.

FONSECA.

Accite os meus pezames.

O CAVALHEIRO.

Meu tio fez testamento e nomeou-me testamenteiro.

FONSECA.

Accite os meus parabens.

O CAVALHEIRO.

Entre os legados que tenho de entregar, figuram dous contos de réis para o Recolhimento das Orphans.

FONSECA.

Ah!

O CAVALHEIRO.

Acabo ha pouco de chegar. e o Recolhimento já está fechado. Que hei de fazer?

FONSECA.

Irá amanha.

O CAVALHEIRO.

Amanhan... Mas não vê, senhor, que nesta cidade ha tanto gatuno... e eu estou n'um hotel meio cangueiro.

FONSECA.

Tem razão... o Rio de Janeiro anda infestado de gatunos.

O CAVALHEIRO.

Cada um, meu senhor! Tenho medo de guardar commigo todo este dinheiro. (*Tira do bolso um embrulho.*) Por isso queria deixal-o na mão do vigario da fre-

guezia... Olhe, faça-me um favor : conserve este dinheiro até amanhã.

FONSECA.

Mas...

O CAVALHEIRO.

Guarde o dinheiro de meu tio. (*Quer dar-lhe á força o embrulho.*)

FONSECA.

Mas o senhor não me conhece !

O CAVALHEIRO.

Que é da sua carteira ?

FONSECA.

Porque ? Aqui está.

O CAVALHEIRO.

Quero juntar tudo, para obrigar-o a tomar mais cuidado com o embrulho. (*Toma a carteira e finge mettel-a no embrulho, mas guarda-a no bolso, de modo que o espectador veja.*)

FONSECA.

Embrulhe com cuidado.

O CAVALHEIRO.

Ah ! fique descansado. Ninguem lhe porá a vista em cima. Eu para estas coisas sou artista.

FONSECA.

Não sei como agradecer tal prova de confiança.

O CAVALHEIRO.

Oh ! não ha de que... Prompto ! (*Dá-lhe o embrulho.*) Agora, adeus, até amanhã... (*Sae apressado.*)

FONSECA.

Mas, olhe... deixe-lhe dizer onde me poderá encontrar amanhã.

A VOZ DO CAVALHEIRO.

Lembranças á familia.

FONSECA.

Ora aqui está... Se eu fosse um tratante...

SCENA IV

FONSECA, FRIVOLINA.

FRIVOLINA.

Vem... ha lá dentro cinco ou seis desordeiros apenas.

FONSECA.

Cinco ou seis! irra! lá não vou! Então agora que tenho aqui (*Mostra o embrulho*) dous contos de réis que um cavalheiro me eucarrogou de guardar.

FRIVOLINA.

Tu dizes? Neste embrulho? Deixa ver! Oh! pateta, foste roubado! Aqui só estão pedaços de jornaes!...

FONSECA.

Mas foi um cavalheiro...

FRIVOLINA.

De industria.

FONSECA.

Embrulhou a minha carteira.

FRIVOLINA.

Embrulhou-te a ti! Que é da carteira? Olha! Vê!...

FONSECA.

Roubado! fui roubado!... Tinha dentro cento e cincoenta mil réis!

FRIVOLINA.

Com effeito! você, um cidadão da rua do Ouvidor, um rapaz intelligente, victima do conto do vigario!...

FONSECA.

Corramos! Talvez que ainda o encontremos! (*Sae correndo e apitando.*)

FRIVOLINA.

Pois sim! pois sim!... (*Sae a correr.*)

SCENA V

O PORTEIRO, MANDUCA, BARBADINHO.

(*Entram os tres muito assustados.*)

O PORTEIRO.

Que é isto?

MANDUCA.

Apitaram!

BARBADINHO.

O grilo... Eu bem ouvi!

MANDUCA *ao Porteiro.*

Tu, se has de estar á porta, estás mirando o jogo!
Vae para a porta, anda!

BARBADINHO.

Vamos, que já tenho quadras!

ZEPHA, *dentro.*

Anda, gente!...

MANDUCA.

Vamos! (*Sae com o Barbadinho. O Porteiro vae para a rotula.*)

O PORTEIRO, *para a rua.*

Pscio! pscio! Entra, freguez! O vispra está quente!
(*Pausa.*) O' moço, não quer entrar?... Ui! que lá vem
o subdelegado com os secretas! (*Dá um assobio especial.*)
A canoa!

SCENA VI

O PORTEIRO, OS JOGADORES, depois o SUBDELEGADO e
DOUS SECRETAS.

MANDUCA.

E' ? é ?

O PORTEIRO.

E'. A rua está assim de secretas!

MANDUCA.

Salve-se quem puder!

Tres dos jogadores têm carregado os objectos proprios ao jogo. Entram o Subdelegado e as praças, que perseguem os jogadores estes escapam por toda parte. O Subdelegado sae um momento e traz pelo braço o Embuçado.

O SUBDELEGADO.

Ah! sempre consegui prender um... O senhor tem que dar quatro mil réis de multa. (*Reconhecendo-o.*) Oh!... era V. Ex! Desculpe... queira desculpar... (*Gesto do Embuçado como quem diz «Esteja descançado»*) Vamos... saiamos daqui de braço dado... (*Chegam á porta.*) Primeiro V. Ex... (*Sae o Embuçado depois de algumas cerimoniaes.*) Quem diria? (*Sae. Mutação.*)

QUADRO VI

Um trecho da praça d'Acclamação. Ao fundo, em perspectiva, a rua do Senhor dos Passos.)

SCENA PRIMEIRA

DOM BAZILIO, depois MERCURIO e CUPIDO, depois UM VIAJANTE.

(*Ao erguer-se o panno a scena está vazia. Dom Bazilio entra mysteriosamente, representado por uma criança. Aproxima-se do proscenio.*)

DOM BAZILIO.

Eu sou a calumnia ousada...
 Ha dous minutos nasci...
 Mas fiz tanta matinada,
 Que em dous minutos cresci!

(*Sae mysteriosamente, como entrou.*)

MERCURIO, *entrando, acompanhado por Cupido.*

Bom! cá estamos na praça d'A aclamação... E' este o logar convencionado.

CUPIDO.

Mas, afinal de contas, que vimos fazer aqui?

MERCURIO.

Eu te digo: o Dr. José Telha tenciona dotar esta cidade com uma grande rua, no gosto da de Rivoli, de Pariz.

CUPIDO.

Devéras? Como?

MERCURIO.

Alargando esta rua, que é a do Senhor dos Passos, e levando-a até a de Primeiro de Março.

CUPIDO.

Oh! mas esse homem é um Lesseps!

MERCURIO.

Est ve hontem com elle... Ficou de aqui estar ás seis horas. (*Consultando o relógio.*) Faltam alguns minutos. O Dr. José Telha vae indicar-me os melhoramentos que pretende fazer. (*Olhando para o bastidor.*) Mas não me engano... é elle...

CUPIDO.

O Telha?

MERCURIO.

Não; o famoso arbitro que volta da outra banda. — Não viste representar *O Bilontra*?

CUPIDO.

Vi.

MERCURIO.

Nesse caso, reconhecêl-o-ás. (*Indo ao encontro do Viajante que entra, vestido á moda do Chile e carregando uma mala.*) Já de volta, excellentissimo?

O VIAJANTE.

E' verdade.

CUPIDO.

E póde dizer-nos qual foi o resultado de sua commissão?

O VIAJANTE, *depois de certificar-se de que estão sós, chama mysteriosamente os dous ao proscenio e diz-lhes muito baixinho.*

E' segredo.

OS DOUS.

Ah!

CUPIDO.

Mas que diabo! conte-nos alguma coisa da viagem.

O VIAJANTE.

Lá vae! Os senhores já estão fartos de saber que...

COPLAS.

(Musica de Gomes Cardim.)

I

Dous typos, muito amigos,
Se encheram de razões,
Tornaram-se inimigos.
Trocaram cachações...

(Interrompendo-se.)

Pois ouçam o resto:

(Continuando.)

Mandaram-me depressa
Dar ponto á tal questão,
E vou dar conta d'essa
Honrosa commissão.

Teve a briga um fim?

Póde ser que sim...

Dei ponto á questão?

Póde ser que não...

II

Cheguei-me aos contendores
Assim, com certo ar,

E disse : meus senhores,
 Já basta de brigar !
 Os typos se abraçaram !
 Fui muito perspicaz,
 Pois ambos lá ficaram
 Vivendo em doce paz.

Teve a briga um fim? etc.

Bom. Passem bem, que tenho mais que fazer. (*Sae.*)

SCENA II

MERCURIO, CUPIDO, D. BAZILIO, depois TRES MARINHEIROS, POVO, depois outra vez D. BAZILIO.

CUPIDO.

Coitado! O sacrificio que foi fazer este homem!...
 D. BAZILIO, *entrando, representado por outra criança maior que a primeira.*

Eu sou a calumnia ousada :
 Ha dez minutos nasci...
 Mas fiz tanta matinada,
 Que em dez minutos cresci! (*Sae.*)

MERCURIO.

Que pretenderá este morcego dizer na sua ?

CUPIDO.

Dá cá o ouvido. (*Diz-lhe alguma em segredo.*)

MERCURIO.

Oh !...

CUPIDO.

Calumnia, pura calumnia !

MERCURIO.

Pura ? Impura digo eu !

CUPIDO.

Os Dous Bazilios pululam nesta terra! Aquelle fedelho, que acaba de passar, ha de crescer tanto e com tal rapidez, que d'aquí a uma hora, se o encontrares, não o reconhecerás.

MERCURIO.

E' a celebre tirada de Beaumarchais posta em acção.
(Entram pessoas do povo perseguindo tres marinheiros que levam as mãos ao ventre e agacham-se. Entre as pessoas do povo vem um Sujeito que protesta contra tal perseguição.)

CÓRO.

Fóra! Fóra!
 Vão embora!
 E' partir,
 E' fugir.
 Sem tujir.
 Nem mugir!
 Fóra! Fóra!
 Sem demora!...

O SUJEITO, protestando.

Sucia de tolos! cambada de idiotas!

MERCURIO, agarrando-o pelo factó emquanto os marinheiros e o povo desaparecem.

Que é isto?

O SUJEITO.

Uns pobres marinheiros que desembarcaram de seu navio e cahiram na grande asneira de comer *choucroute*... Pois bem: esses filhos do mar apanharam umas senhoras colicas... e uma indigestão, que não lhes digo nada. Demais a mais não entendem patavina do portuguez. Toda aquella gente suppõe que os pobres diabos estão atacados do cholera, e quer obrigar-os a ir para bordo immediatamente!

MERCURIO.

E não ha policia... Nem ao menos apparece aqui um secreta...

O SUJEITO.

Ah! elles precisavam, realmente, disso... mas do genero feminino. Sucia de iditas!... *(Sae.)*

CUPIDO.

Na verdade, é caso para ficar colerico, quem mesmo não tenha o cholera.

MERCURIO.

Olha olha outra vez o typo!

DOM BAZILIO, *entra, desta vez representado por um homem baixo.*

Eu sou a calunnia ousada...
Ha um quarto de hora nasci...
Mas fiz tanta matinada,
Que deste modo cresci! (*Sae.*)

MERCURIO.

Oh! Senhor! este diabo é de borracha!

CUPIDO.

Ainda o havemos de ver do tamanho da Candelaria!

SCENA III

Os mesmos, UM MATUTO DO PIAUHY, depois UMA TURCA com duas CRIANÇAS, depois D. BAZILIO, depois o DR. JOSÉ TELHA.

(*O Matuto, descalço, com as calças arregaçadas, a camisa por fóra das calças, na cabeça um grande chapéo de carnauba, trouxa pendente de um pão que traz ao hombro, e de tachimbo, entra, cantando sem musica.*)

O MATUTO.

Quem quizé sabê meu fama,
Vá fallá com Mané Lope;
Não ha preto que não minta
Nem cavallo que não tope.

CUPIDO.

Quem será este bipede?

O MATUTO.

Ora Deus Nosso Senhor lhe dê muito boas tarde, seus cadete... Uf! tou cançadinho, tou. (*Senta-se no chão, cruzando as pernas, e canta.*)

Não me prenda, seu sordado;
 Não me leve p'r'o quarté;
 Eu não vim fazê baruío,
 Vim buscá minha muié!

MERCURIO.

Não é um homem, é um vaudeville!

O MATUTO.

Faça mecês uma pequenina ideia: vim a pé do Pin-
 auhy até o Rio Janeiro!

CUPIDO.

Safa!

MERCURIO.

Já é!

O MATUTO.

Vim cantando por todo esse caminho véio! (*Canta.*)

Cando estou no meu socego,
 Na minha tranquilidade,
 Vejo casa virá mato
 E mato virá cidade.

Cheguei indagorinha mêmo.

CUPIDO.

Porque não veio por mar?

O MATUTO.

Deixa de besteira' moço! Pois se eu vim arrepre-
 sentá contra um estradeiro que me furtou uma vacca...
 Se eu pagasse a viagem, gastava mais do que o preço da
 dita vacca... Vim a pé e a pé hei de vortá!... Quando
 eu sahi de casa, botei um verso á minha dona...
 (*Canta.*)

Minha dona companheira,
 Não adimétas ninguem;
 Espera, tem paciencia,
 Que eu mêmo serei teu bem!

Mas não tenho tempo a perdê... Vou na casa do
 Bispo... Já me dixeram que é por alli que a gente vae.
 (*Levanta-se.*)

MERCURIO.

Do Bispo? Que tem você com o Bispo?

O MATUTO.

Apois! Cando eu me queixei ao persidente da provincia, elle nem cumo coisa! Antão eu dixei a elle que vinha no Rio Janeiro... Vae elle pegou me dixei: Vá, e queixe-se ao Bispo!

CUPIDO.

Pobre homem! anda á procura de um phantasma: a justiça!

MERCURIO.

Olhe, vá por alli... mas é um pouco longe... tome o bond.

O MATUTO.

O bondes... Ora vou-te, seu compadre! Que endivido besta! Pois um home que veio a pé do Pin-auhy... Eh! eh! eh! (*Sahindo a cantar.*)

Adeus, gente que se fica:
Eu me vou p'ra outra banda...
Vou recramá minha vacca:
Quem quer vae quem não quer manda.

(*Perde-se ao longe a voz do Matuto, que sae. Entra uma Turca maltrapilha, com uma crlança ao collo e outra pela mão, e aproxima-se de Mercurio e Cupido.*)

A TURCA.

Una esmola, senhore... una esmolita!

OS DOUS.

Vá embora! vá trabalhar!

A TURCA.

Una esmola... Tengo quatre filhe... Una desgraçia! Esmolita... esmolita...

OS DOUS.

Não nos persiga! Oh!...

A TURCA, *insistindo.*

Pietá, senhore... Una esmola per l'amor de Dios !
(*Choramindo.*) Sono dolente!

OS DOUS, *irritados.*

Desappareça com todos os diabos ! (*Empurram a Turca que sae chorando.*)

MERCURIO.

Ahi está um abuso para que a policia devia olhar. Dizem-me que estas pobres mulheres são victimas de uma torpe especulação : ha nesta cidade quem mande contractal-as exclusivamente para exercerem a profissão de mendigas !

CUPIDO.

Nova especie de castismo... (*Vendo entrar D. Bazilio, que é desta vez representado por um homem muito alto.*) Oh!...

D. BAZILIO.

Eu sou a calumnia ousada...
Ha meia hora nasci...
Mas fiz tanta matinada,
Que deste modo cresci ! (*Sae.*)

CUPIDO.

Vae tomando proporções assustadoras !

MERCURIO.

E do Dr. José Telha nem novas nem mandados !

DR. JOSE' TELHA, *entrando.*

Engana-se: cá estou.

MERCURIO, *apertando -lhe a mão*

Ah ! julguei que não oppa recesse !

DR. JOSE' TELHA.

Por mais que quizesse, não me foi possível vir mais cedo : tive um duello !

OS DOUS.

Um duello ?!

DR. JOSE' TELHA.

Pois ainda isso não lhe chegou aos ouvidos? Já toda a cidade está cheia!

MERCURIO.

Sim?—Mas como foi isso? Conte-nos!

DR. JOSE' TELHA.

Lá vae. (*Recita com acompanhamento na orchestra.*)

Certo visinho meu muito pelludo
Disse-me tudo; eu respondi-lhe bem.
A discussão, meus filhos, azedou-se...
Elle zangou-se e eu me zanguei tambem.

Chegou, emfim, a coisa a certo ponto
E eu vi-me tonto para responder.
Não tinha um termo energico bastante...
Em similhants apuro que fazer?

« Henrique, disse ao meu melhor amigo,
Conto contigo nesta intallação!
Que do visinho o insulto assim não fique!
Pede-lhe, Henrique, uma satisfação! »

« Se não m'a der? » « Meu filho, em taes extremos,
Bater-nos -emos seja como for!
Seja qual for o ferro com que se arme,
Ha de encontrar-me sempre ao seu dispor! »

Elle aceitou o desafio, e eu, fogo!
Mandeilhe logo as testemunhas,—bum!
Sem que a policia em nada se mettesse,
A coisa fez-se sem transtorno algum.

As testemunhas fallam-se... ruminam...
Pensam... combinam... vão e vêm... vêm...vão...
Berram... discutem... mil questões agitam...
E tanto guitam que de accordo estão.

Hoje pela manhan meu testamento
Eu n'um momento por prudencia fiz;

E despedi-me dos rapazes, tontos,
Visto que os pontos nunca puz nos is.

Chegando ao caes chamado dos Mineiros,
Os companheiros encontrei ; parti ;
Como presa de indomitos cyclopes
Sebastianop'lis afastar-se vi.

Desembarcámos n'uma bella ilha...
Que maravilha !... só respira amor ! ..
De grandes pedras e areaes cercada...
Toda enfeitada de arvoredos em flor...

Os padrinhos as armas examinam
E determinam tudo, enquanto nós,
Os combatentes, para os lados vamos,
Onde aguardamos do combate a voz.

Um dos padrinhos, certo italiano,
Ex-capitão, só dizia assim :
—« *I rivale daranno molte tire
Fino morire une dei due.* » Pois sim !

Dão-me a pistola. Estou em guarda. Aponto.
Um ! dois ! tres ! Prompto !

CUPIDO.

Disparou ?

MERCURIO.

Matou ?

DR. JOSE' TELHA.

Qual matei nem matei ! Deixa-me, filho !
Puxo o gatilho em vão !

MERCURIO E CUPIDO.

Falhou ?

DR. JOSE' TELHA.

Falhou !...

Ao longe foi perder-se a bala imiga
Que esta barriga atravessar não quiz...
Eis como o duello foi levado a effeito !
'Stou satisfeito porque fui feliz.

Bem ! E não é que é noite ? (*A scena tem escurecido aos poucos.*) Embora ! tratemos de percorrer a rua do Senhor dos Passos. (*Olhando para fóra.*) Oh ! mas que é aquillo ?

MERCURIO.

Uma marche aux flambeaux !

CUPIDO.

Não sei o que possa ser !

SCENA IV

MERCURIO, CUPIDO, DR. JOSE' TELHA, A CIDADE DO RIO DE JANEIRO, A MUNICIPALIDADE, A COMPANHIA DO GAZ, A EMPREZA GARY, AS COMPANHIAS DE BONDS, A COMMISSÃO DE MELHORAMENTOS DA CIDADE (tres individuos), O CORPO DE BOMBEIROS, A CITY IMPROVEMENTS, A COMPANHIA TELEPHONICA, A ESTRADA DE FERRO, A LIMPEZA DAS PRAIAS, A REMOÇÃO DO LIXO, O ABASTECIMENTO DAS AGUAS, POVO. (*A CIDADE DO RIO DE JANEIRO entra, carregada n'um palanquim allegorico, ao som de uma marcha executada pela orchestra. Cada um dos personagens, que a precedem, traz na mão uma vara no topo da qual está preso um balão chinez illuminado.*)

MERCURIO, *à Cidade, que desee do palanquim.*

Oh ! dize-me quem és, anjo, mulher, beldade !

A CIDADE.

Eu sou a capital do imperio brasileiro !

MERCURIO.

Que ouço !

DR. JOSE' TELHA.

Pois esta é a muito heroica e leal cidade De São Sebastião do Rio de Janeiro ?

MERCURIO, *baixo a Cupido.*

Safemo-nos sorrateiramente. Tenho uma ideia de truz para terminar e acto.

CUPIDO.

*Vá lá. (Saem os dous.)*A CIDADE, *vindo ao proscenio.*

Eu agradeço á natureza
 Que me fadou prodigamente;
 Fez-me um prodigio de belleza,
 Bella entre as bellas certamente.
 Não lhe agradando o paraizo,
 Qu'iz Deus um novo dar ao mundo:
 Teve um angelico sorriso
 E me arrancou do cahos profundo.
 Deu-me essa eterna primavera
 Que tão sympathica me torna,
 Este calor que me tempera
 E a cordilheira que me adorna.

Mas, se por Deus eu fui assim dotada,
 Os homens, esses não me deram nada!

(Dirigindo-se ao Dr. José Telha.)

Que aqui estava de saber
 Acabo: venho, por isso,
 Agradecer o serviço
 Que tu me esperas fazer.

DR. JOSE' TELHA.

Sinhá, você me confunde.
 Que me agradeça não quero,
 Porque tal serviço espero
 Que em meu proveito redunde.
 Mas, uma vez que é tamanha
 A sua amabilidade,
 Diga quem é, por bondade,
 Esta gente que a acompanha.

A CIDADE.

São meus leaes servidores
 E meus melhores amigos,
 Uns novos... outros antigos...

DR. JOSE' TELHA, *comprimentando.*

Minhas senhoras... senhores...

A CIDADE, *tomando a Municipalidade pela mão e apresentando-a.*

A Municipalidade.

A MUNICIPALIDADE, *abraçando a Cidade.*

Ai, filha ! como te adoro !
Noite e dia aos ceos imploro
A tua prosperidade.

A CIDADE, *baixo ao Dr. José Telha.*

Não creias... Hypocrisias...
Mentiras...

DR. JOSE' TELHA, *baixo.*

A quem o diz...

A MUNICIPALIDADE.

Ver-te formosa e feliz
Desejo todos os dias.

(*Beija-a e vae para o seu logar.*)

A CIDADE, *baixo ao Doutor.*

Um beijo não me persuade,
Pois a quanto erro lhe escapa
Eu sirvo sempre de capa.

DR. JOSE' TELHA.

E's uma capa cidade.

A MUNICIPALIDADE, *á Companhia do Gaz.*

Fallam de mim?

A COMPANHIA DO GAZ,

Não te illudes...

E não te atiram confeitos...

A CIDADE.

Mas se tem os seus defeitos
Possue algumas virtudes.
Por exemplo : o Livro de Ouro...
Os açougues...

DR. JOSE' TELHA, *lembrando-se.*

Ora espere...

A rua Felippe Nery...

A CIDADE.

Escolas...

DR. JOSE' TELHA.

Do Matadouro

A enfermaria...

A CIDADE.

Tambem.

Mas ai, meu Deus! que desmandos
Commettidos assim... (*Gesto*) aos bandos
Por outro lado não tem!

(*Indo buscar a Companhia do Gaz e apresentando-a.*)

A Companhia do Gaz...

A COMPANHIA DO GAZ, *comprimentando.*

Cher docteur...

DR. JOSE' TELHA.

Minha senhora.

A CIDADE.

Tu principias agora:
Como é que me tratarás?

DR. JOSE' TELHA.

Dizem que andou ás pauladas
Com certa gente de theatro...

A COMPANHIA DO GAZ.

Fiz com ella o diabo a quatro:
Não sei de conversas fiadas.

(*Vae para o seu logar.*)

DR. JOSE' TELHA.

Quem mais?

A CIDADE, *mesmo jogo de scena.*

A Empreza Gary,
Que a^s ruas sujas não deixa.
Não ha motivo de queixa,
P'lo menos até aqui.

DR. JOSE' TELHA, *á Empreza Gary.*

Eu pelo povo intercedo:
Ordena ás vassouras tuas
Que varram mais tarde as ruas,
Que não as varram tão cedo.
Nas ventas e até na bocca
Tem quem sae dos espectaculos
Outros tantos receptaculos
De pó que infesta e suffoca.

A CIDADE.

Essa queixa é bem cabida.

DR. JOSE' TELHA.

E' justa a reclamação;
Mas isso mesmo é razão
P'ra que não seja attendida.

A *Empreza Gary vae para o seu logar e a Cidade vae
buscar tres individuos que têm os braços enfiados uns
nos outros.)*

A CIDADE.

Deixa apresentar-te a com-
Missão de melhoramentos
Da cidade. (*Baixo.*) Tres talentos!

UM DOS INDIVIDUOS.

Je suis ce Revy que...

DR. JOSE' TELHA.

Bom!

A CIDADE, *indo buscar as Companhias de Bonds.*

De bonds emprezas são.
(*Abraçando a Villa Izabel.*)

Nesta um abraço apertado!

DR. JOSE' TELHA.

Porque ?

A CIDADE.

Por ter adoptado
Passagens a mei' tostião.
Aqui tens a Telephonica :
Presta serviços .. às vezes.

DR. JOSE' TELHA.

Mas serve mal aos freguezes
E a sua ineptia é chronica.
Quem conversar tencione
Com alguém lá da Lagoa,
Alugue um tilbury á toa :
Não recorra ao telephone.

A CIDADE.

Este é o Corpo de Bombeiros,
Minha gloria... meu trophéo.

DR. JOSE' TELHA.

Eu tiro-lhe o meu chapéo :
E' primeiro entre os primeiros !
E não ha quem não lhe teça
De encomios vastos compendios ;
Pois se elle chega aos incencios
Antes que o fogo appareça !...

A CIDADE.

Torna-se a scena excessiva-
Mente comprida ; assim pois,
Apresento-te depois
O resto da comitiva.

SCENA V

Os MESMOS, MERCURIO, depois CREOULOS e CREOULAS,
depois FRIVOLINA.

MERCURIO, *entrando a correr.*

Doutor ! domtor !...

DR. JOSE' TELHA.

Que é ? que é ?

MERCURIO.

Uma grande noticia : achei o jongo !

DR. JOSE' TELHA.

O jongo ?

MERCURIO.

E' cá uma coisa... Como sabe, a rua do Senhor dos Passos é a rua dos zungús... ha alli um creoulame que nunca mais se acaba ! Fui de porta em porta fazer uma propaganda.

DR. JOSE' TELHA.

Abolicionista ?

MERCURIO.

Quem lhe falla em abolicionismo ? Estavam todos escamados com a ideia de que a rua do Senhor dos Passos ia desaparecer ; convenci-os, porém, de que se trata de um melhoramento, e vêm todos á sua presença cantar um jongo allusivo.

DR. JOSE' TELHA.

Bravo !

MERCURIO.

Eil-os que chegam ! (*Entram os pretos, que cantam e dansam o jongo.*)

JONGO.

(*Musica de Abdon Milanes.*)

A rua de nosso turo
Vae bem bonita ficá :
Casa véia no monturo
Sinhô moço vae deitá.

Ah ! huê !

Ah ! huá !

A rua dos preto jê vae se acabá !

Oculelé !

Ocubabá !...

(*Continúa a musica em surdina na orchestra. Entra Frivolina, vestida como no 1º quadro.*)

FRIVOLINA.

Agora eu, a fada Frivolina!

TODOS.

A fada Frivolina!

FRIVOLINA.

Com o poder maravilhoso de que disponho, e só com o auxilio desta varinha de condão, vou mostrar-vos a projectada rua, tal qual ha de ficar no futuro.

MERCURIO.

Que esse futuro não seja muito remoto, é o que todos desejamos.

FRIVOLINA.

Um! dous! tres! Mutaçào! (*A sce na transforma-se.*)

—

QUADRO VIII

O theatro representa a futura AVENIDA DA IMPRENSA. A orchestra executa um trecho magestoso. Cae o panno.

ACTO TERCEIRO

QUADRO IX

Sala de phantasia.

SCENA PRIMEIRA

MERCURIO, CUPIDO.

CUPIDO, *entrando com Mercurio.*

Mas és um homem unico! Estás então resolvido a ficar no Rio de Janeiro?

MERCURIO.

Resolvidissimo... Pelo menos, o mais tempo que me for possível... Mais vale não ser coisa alguma no Rio de Janeiro do que ministro de estado no Olympo... Mercurio é que não posso ser aqui, se bem que, como mercurio, poderia ter muita extracção.

CUPIDO.

E que pretendes ser?

MERCURIO.

O que é toda a gente : jornalista.

CUPIDO.

Caspite ! E estás habilitado?

MERCURIO.

Habilitado ? Julgas então que no Rio de Janeiro a profissão de jornalista é algum bicho de sete cabeças ? Valha-te Jupiter ! (*Tirando um folheto.*) Olha, cá está o código dos jornalistas. Ouve : (*Lê.*)

« Paragrapho primeiro :
Se acaso és brasileiro,
Declara-te estrangeiro.

Paragrapho segundo :
 Mostra-te furibundo
 E offende o todo o mundo.
 Paragrapho terceiro :
 Embora o derradeiro,
 Reputa-te o primeiro.
 Quarto : Não é preciso
 Que tu tenhas juiso ;
 Tira e dente do siso.
 Quinto : Não é vileza
 Tratar com ligeireza
 A lingua portugueza.
 Sexto : Que não te masse,
 Nem mesmo te embarace
 A estúpida syntaxe.
 Setimo : Com cynismo
 Comette nm solecismo
 E adopta um gallicismo.
 Oitavo : Impertinente,
 Offrece diariamente
 Lições a toda gente.
 Nono : Se em qualquer arte
 Lições quizerem dar-te,
 Não vás incommodar-te.
 Decimo : Escolhe as tintas
 Com que ao mundo te pintas,
 Embora ao mundo mintas. »

Ha muitos outros paragraphos, cada qual mais curioso... N'um delles, por exemplo, recommenda-se ao jornalista que comprimente com muita affabilidade, sempre que o encontre na rua, o collega que o offende e ridiculisa... N'outro paragrapho ensina-se a disfarçar qualquer asneira com o nome de paradoxo... Como vês, o o jornalismo fluminense é um mundo especial, que não se rege pelas leis communs.

CUPIDO.

O que vejo é que é muito difficil... não ser jornalista no Rio de Janeiro.—Mas onde me trouxeste? Que vae a ser isto?

MERCURIO.

Este é o logar onde se reúnem todas as manhãs as folhas diárias, para submeterem-se a exame.

CUPIDO.

A exame de sanidade ?

MERCURIO.

A examo de censura... Ha dous jornalistas que se arvoraram em censores dos seus collegas... e que odo os dias manifestam as suas impressões com uma franqueza...

CUPIDO.

E uma competencia...

MERCURIO.

Isso não sei. Elles que se metteram nisso, é porque tinha confiança nas proprias forças. Ora, como pretendo ser jornalista, todo o meu desejo é assistir a um desses exames... Creio que haverá muito que aprender. Ah! vêm as folhas diárias : vamos para alli... Apreciaremos tudo lá de dentro, sem que nos vejam.

CUPIDO.

Vamos ! (*Saem.*)

SCENA II

JORNAL DO COMMERCIO, GAZETA DE NOTICIAS, O PAIZ, DIARIO DE NOTICIAS, O RIO DE JANEIRO, A ITALIA, GAZETA DA TARDE, que entram dansando e cantando.

CÓRO

As folhas diárias de Sebastianopolis
Dansando em sucia todas aqui estão !
Rialto e o Varias furibundos criticos,
Letra por letra nos revistarão.

(*Todos os Jornaes continuam ainda a dansar por alguns momentos. No fim da musica, entram o Dr. Varias e o Dr. Entrelinhas, cada um delles munido de sua palmatoria. A do Dr. Varias é enorme ; a do Dr. Entrelinhas pequenina.*)

SCENA III

Os mesmos, DR. VARIAS, DR. ENTRELINHAS.

DR. VARIAS, *terrivel.*

Então que pandega é esta ? !

DR. ENTRELINHAS.

Silencio !...

TODOS, *assustados.*

Oh ! (*Collocam-se em linha no proscenio, e na seguinte ordem, a contar da esquerda para a direita : Jornal do Commercio, Diario de Noticias, Rio de Janeiro, Gazeta da Tarde, Paiz, Italia, Gazeta de Noticias.*)

DR. VARIAS.

Não quero ouvir o mais leve rumor !

DR. ENTRELINHAS.

Não quero ouvir voar uma mosca !

DR. VARIAS.

Ouvir voar ! (*Ergue a palmatoria.*)

DR. ENTRELINHAS, *fugindo.*

Não !

DR. VARIAS.

Não quer tambem ver zumbir ? !... (*Aparte.*) Sucia de ignorantes !

COPLA

DR. VARIAS.

Aqui está o celebre Varias,
Abalisado doutor,
Das sete folhas diarias
O mais severo censor.

DR. ENTRELINHAS.

Eis o doutor Entrelinhas !
Todo inteirinho aqui está !
São conhecidas as minhas
Ha bi bi bi li ta ta...

AMBOS.

Ha bi bi bi,
Bi bi bi li,
Habilitações, olá!

TODOS.

Ha bi bi bi, etc.

DR. VARIAS.

Silencio! Vamos proceder ao exame diario. (*Principia o exame. O Dr. Varias á direita, de costas para o pnblico, examina a Gazeta de Noticias, e o Dr. Entrelinhas, á esquerda, examina o Jornal do Commercio.*) Deixem-me ver o que traz a Sra. Gazeta de Noticias...

DR. ENTRELINHAS.

Deixem-me ver o que traz o Sr. Jornal do Commercio...

DR. VARIAS.

Cá estão os malditos macaquinhos...

DR. ENTRELINHAS.

Um bom artigo sobre libertos sexagenarios. Este veio direitinho da Secretaria da Agricultura.

DR. VARIAS.

Entrelinhas...

DR. ENTRELINHAS.

Noticias varias...

DR. VARIAS, *erguendo-se furioso.*

Patife! Dizer isto de mim!

DR. ENTRELINHAS, *idem.*

Insolento! semelhante injuria! (*Encontram-se os olhares dos dous, que se comprimentam affavelmente.*)

DR. VARIAS, *acocorando-se de novo.*

Chim, chim, chim!

DR. ENTRELINHAS, *idem.*

Velho maluco!

DR. VARIAS, *passando á Italia.*

L'Italia... Que diabo ! isto etsá escripto em portuguez ou Italiano?

DR. ENTRELINHAS, *que tem passado ao Diario de Noticias.*

Como tudo isto é ridiculo ! Que folha mal feita ! Não tem espirito ! Oh ! meu Deus ! e custa tão pouco ter espirito !...

DR. VARIAS, *rindo se.*

Ah ! ah ! ah ! Tem muita graça este Flik ! (*Passa ao Paiz.*) Politica, politica e politica ! E chama-se a isto uma folha neutra !...

DR. ENTRELINHAS, *que tem passado ao Rio de Janeiro.*

Que bello artigo ! que bem deduzido ! Ahi está um jornal que elogio sem reservas... (*Aparte.*) Não nos faz sombra.

DR. VARIAS, *passando á Gazeta da Tarde.*

Heim ? Gazeta da... Nada ! com esta não quero graças ! (*Passa ao Rio de Janeiro e o Dr. Entrelinhas á Gazeta da Tarde.*)

DR. ENTRELINHAS.

Cartas de um diplomata... O mais interessante é que lhes dão muitos auctores... Mais cedo ou mais tarde se saberá de quem são.

DR. VARIAS.

Sempre a mesma cantiga... Decididamente a politica é coisa muito monotona. (*Passa ao Diario de Noticias.*)

DR. ENTRELINHAS, *passando ao Paiz.*

Ah ! não !... Este é o Paiz... Tenho ordem do patrão para não mexer com elle... (*Passa á Italia.*)

DR. VARIAS.

Cá está o heróe de palanque.

DR. ENTRELINHAS.

Muito engraçada esta Italia ! (*Ri-se muito.*)

DR. VARIAS.

Cá está elle a fallar de si... sempre a fallar de si... Ora, não seria melhor que fallasse de mim?

DR. ENTRELINHAS, *passando á Gazeta de Noticias.*

Desta não ha que dizer .. E' tudo bom!...

DR. VARIAS, *que tem passado ao Jornal do Commercio.*

Este só merece elogios. Não traz nada que não seja ouro de lei!... (*Ergue a-se ambos.*) Bom! está acabada a revista! (*Com arrogancia.*) Vejam se amanhan vêm mais interessantes! (*Sae.*)

DR. ENTRELINHAS.

Corrijam-se, senão... (*Mostra-lhes a palmatoria.*) Lembrem-se de que eu tenho... (*Canta o estribilho da copla precedente e sae. Mal desapparece o Dr. Entrelinas, os jornaes dispersam-se, suspirando de alliviados.*)

UM DOS JORNAES.

Collegas! vejam quem alli vae!

OUTRO.

O Diario Official!

OUTRO.

Tesoura com elle!

TODOS.

Vamos! (*Tira cada um uma enorme tesoura e saem todos correndo.*)

SCENA IV

MERCURIO, CUPIDO, depois A SEMANA, depois A VIDA MODERNA, depois SEIS POETAS, de casaca, corôa de louros na cabeça e lyra debaixo de braço.

CUPIDO.

Ora boa noite, seu Mercurio! Grande coisa aprendeu você, não ha duvida! pôde limpar a mão á parede! Os taes censores, faça-me favor! não passam de dous grandes pandegos!

MERCURIO.

Na verdade, confesso que esperava outra coisa. De-

cididamente, faça-me jornalista! (*Entra a Semana.*)
Olá! quem será esta meçoila?

A SEMANA.

Sou a Semana, a unica folha litteraria do Brasil.

A VIDA MODERNA, *entrando.*

Alto lá! E então eu, a Vida Moderna?!

A SEMANA.

Ora! você acaba de nascer...

A VIDA MODERNA.

Mas nasci forte, cheia de vida! Não sou como o Gryphus e o Rataplam, que estão a morrer do mal de sete dias.

CUPIDO, *examinando as gravuras da Vida Moderna.*

Por Castor e Pollux! Que horror!... Tigres... leões... serpentes... cadaveres... mortes... supplicios... combates... Oh!...

A VIDA MODERNA.

Podéra! E com todos estes horrores que eu consigo chamar alguma attenção sobre mim. O povo não quer bons versos e muito menos boa prosa. Um homem sem cabeça faz muito mais effeito que uma duzia de alexandrinos de Luiz Murat.

A SEMANA.

Pois eu tenho conseguido chamar o attenção do publico sem recorrer a taes horrores. Não viram a minha panellinha do elogio mutuo?

MERCURIO e CUPIDO.

Não.

A SEMANA.

Não?! Pois vou dar-lhes uma amostra da fazenda. (*Chamando para dentro.*) Olá! ó rapazes! (*Entram os seis poetas.*) Elles são muitos.... Isto é só para lhes dar uma ideia. Vamos lá! Ferva a panellinha!...

PRIMEIRO POETA, *ao Segundo.*

Poeta e amigo, crê que sou sincero.
Teus versos li... sinto-me arrebatado!

Tu és um grande homem!

Pelo divino Homero,

Correcto e transmigrado,

E' natural que os posteros te tomem!

(*Baixo a Mercurio*)

Não faz um verso que não que não seja errado!

SEGUNDO POETA, *ao Primeiro.*

Herdeiro de Musset, filho das Musas!

Tens uma lyra privilegiada!

Que termos novos e que imagens usas!

(*Baixo a Mercurio.*)

Quer saber tudo, mas não sabe nada!

TERCEIRO POETA, *ao Quarto.*

Li o soneto que ha dias compuzeste...

Oh! que soneto aquelle!

Derrama n'alma um balsamo celeste!

(*Baixo a Mercurio.*)

O soneto é bem bom, mas não é d'elle...

QUARTO POETA, *ao Terceiro.*

Do meu pobre soneto o brilho empana

Aquelle idyllo de feição risonha

Que publicaste ha tempos na *Semana*.

(*Baixo a Mercurio.*)

Da nova geração eis a vergonha!

QUINTO POETA, *ao Sexto.*

Eu li as tuas *Perolas e flores*,

Esse poema ideal dos teus amores!

Tudo quanto fizera Victor Hugo

Não passa de refugo,

Comparado com tudo quanto fazes!

(*Baixo a Mercurio.*)

Não ha besta maior entre os rapazes!

SUXTO POETA, *ao Quinto.*

Quando os teus versos lyricos escreves,
Camões de inveja morde-se no tumulto!
Que versos fluentes... maviolos... leves....

(*Baixo a Mercurio.*)

Não sabe ao menos portuguez!

A VIDA MODERNA.

E' um cumulo!

MERCURIO.

De ver a panellinha eu tive ensejo,
E hypocrita reputo-a:
Elogio não vejo: apenas vejo
Descompustura mutua!

PRIMEIRO POETA, *ao Segundo.*

Genio!

SEGUNDO POETA, *ao Terceiro.*

Illustre!

TERCEIRO POETA, *ao Quarto.*

Pharol!

QUARTO POETA, *ao Quinto.*

Poeta!

QUINTO POETA, *ao Sexto.*

Luzeiro!

SEXTO POETA, *ao Quinto.*

Resta! (*Sae.*)

QUINTO POETA, *as Quarto.*

Burro! (*Sae.*)

QUARTO POETA, *ao Terceiro.*

Camello! (*Sae.*)

TERCEIRO POETA, *ao Segundo.*

Asno! (*Sae.*)

SEGUNDO POETA, ao *Primeiro*.

Sendeiro! (*Sae.*)

PRIMEIRO POETA, *furioso*.

Corja de tolos! corja de idiotas!... (*Sae.*)

A SEMANA, *dando o braço à Vida Moderna*.

Applaquemos aquelles borra-botas. (*Saem.*)

MERCURIO.

Sabe que mais, seu Cupido? Estou farto de imprensa!

CUPIDO.

E' tempo de fazermos a revista do movimento theatral do anno! Olha essa mutação! (*A scena transforma-se.*)

QUADRO IX

Floresta. A' d reita um palacio com este letreiro: *Palacio dos successos*; á esquerda uma cabana com este cutro: *Cabana dos fiascos*.

SCENA PRIMEIRA

CUPIDO, MERCURIO, depois o REPORTER ATTACHE'

MERCURIO.

Que vem a ser isto?

CUPIDO.

A floresta da arte dramatica.

MERCURIO.

A Floresta? Nesse caso só temos a Phenix!

CUPIDO.

Cala-te; não digas asneiras.

RONDÓ-WALSA

Tempo feliz foi o de outr'ora ;
 Brilhante aurora
 Aqui raiou:
 Houve uma luz promettedora,
 Mas sem demora,
 Tudo acabou!
 Já sem vigor morto na lama
 O bello drama,
 Coitado ! está !
 O' theatre, estás bem aviado
 Neste reinado
 Do tra-lá-lá !

MERCURIO.

Ahi vom alguem.

O REPORTER, *entra com papel, lapis na mão e um fo-
 guete debaixo do braço.*

Ella ahi vem ! Ella ahi vem !...

OS DOUS.

Quem ? !

O REPORTER.

A grande, a incomparavel Sarah !... Estou arre-
 batado !...

CUPIDO.

E quem é o senhor ?

O REPORTER.

Quem sou eu ?

RONDÓ.

(Musica de Abdon Milanez.)

Quem me vê
 Logo vê
 Que

Sou reporter attaché !
 Sujeito chic e intelligente
 Fui contratado especialmente
 P'ra acompanhar
 Sarah Bernhardt.

Hei de fazer o mais que possa
 Para dizer o que ella almoça:
 Se um bom filé,
 Vinho e café.

Hei de tambem dizer o que ella janta
 E a hora em que se deita e se levanta.
 E quando acaso um caldo tome,
 Do caldo, até farei menção;
 O que ella come e o que não come
 Os meus leitores saberão.
 Quem me vê, etc.

OS OUTROS.

Quem o vê

Logo vê

Que

E' reporter attaché!

O REPORTER.

Oh! parece um sonho! Está no Rio de Janeiro mademoiselle Sarah Bernhart.

MERCURIO.

Perdão: madame; é casada.

O REPORTER.

Não, não, não! Como artista, é mademoiselle. Como senhora, é madame Damala.

MERCURIO.

Pois agora é que deve ser madame Damala, porque anda viajando.

O REPORTER.

Ella ahí vem! Ella ahí vem! Ella e a companhia.

SCENA II

Os mesmos, SARAH, GARNIER, ACTORES e ACTRIZES.

(*Vestuarios de viagem. Sarah traz um cão preso a um cordão. Debaixo do braço floretes, petrechos de pular e uma espingarda.*)

CÔRO.

Oupe ! oupe !
 Oh ! la la la !
 Voici venir la troupe
 De la
 Diva !
 De la grande Sarah !...
 Oupe ! eupe !
 Oh ! la la !

(*No fim do côro, Sarah espirra.*)

SARAH.

Atchim !...

REPORTER, *tomando nota.*

Espirrou !... (*Consultando o relógio.*) Duas e cinco.

SARAH.

Je suis enrumée.

O REPORTER.

Está constipada. (*Toma nota.*)

CUPIDO.

Um suador.

O REPORTER, *aproximando-se de Sarah e comprimendo-a.*

Mademoiselle...

SARAH.

Monsieur !

MERCURIO, *aparte.*

E elle a dar-lhe com mademoiselle !

O REPORTER.

Ce chien est à vous ?

SARAH.

Oui, monsieur.

O REPORTER.

Comment s'appelle-t-il ?

SARAH.

Il s'apelle Turc. Nous ne nous quitons jamais... mais oh! au grand jamais!...

O REPORTER, *escrevendo.*

Turc... bonito. . grande... felpudo... (*Alto.*)
Qu'est ce que vous avez dejeuné aujourd'hui, s'il vous plait?

SARAH.

Pourquasi cette question?

O REPORTER.

Je suis reporter attaché.

SARAH.

Attaché... à moi?

O REPORTER.

Oui... attaché à vous, mademoiselle.

SARAH.

Ah! j'ai pris deux œufs à la coque... et une tasse de thé...

O REPORTER, *escrevendo.*

Dous ovos quentes... uma chicara de chá... (*Sarah espirra.*) Segundo espirito.—Vous no prenez rien entre vos repas!

SARAH.

Oh! vous m'ennuyez à la fin. (*Entra no palacio com o eão.*)

O REPNRTER.

Vou á redacção levar estas notas... Dsus espirros... dous ovos... uma chicara de chá... Ha aqui materia pare um bello artigo. (*Sae pelo fundo. A companhia vae tambem a entrar no palacio.*)

CUPIDO, *apontando-lhes a cabana.*

Pardon... vous par là, mes chers amis. (*Entram todos na cabana, meuos Garnier.*) Vous aussi, monsieur Garnier!

GARNIER.

Oh ! lá lá ! Qu'ce que ce que ça donc ? (*Lendo.*) Cabaná dôs fiascôs.

CUUIDO.

Cá veut dire la chaumiére des fours.

GARNIER.

Mais moi !... Allons donc ! Un pensionaire de la Comédie Française !...

CUPIDO.

Entrez, et plus vît qu'ça !

GARNIER.

Entendons-nous : je mettrai une maustache !

CUPIDO.

Entrez ! entrez ! (*Garnier sae empurrado.*)

SDENA III

CUPIDO, MERCURIO, a COMPANHIA DE D. MARIA II, ricamente vestida, a COMPANHIA DO PRINCIPE REAL, quasi andrajosa.

A COMPANHIA DE DONA MARIA.

COPLA.

Sou a companhia
De Dona Maria,
Que gera as applausos pode conquistar!
Trago um repertorio
Bem satisfatorio !
Optimos artistas venho apresentar !

A COMPANHIA DO PRINCIPE REAL, *entrando.*

Ora havemos de ver quem tem roupa na fonte ! Eu sou a companhia do Principe Real, e não receio medir-me com esta senhora !...

MERCURIO.

Está bom, mas não briguem !...

A COMPANHIA DE DONA MARIA.

Nem eu lhe dou essa confiança ! Era o que faltava !
Eu ! a companhia normal ! Olhem para nós ambas !
Parece-me que ha alguma differença.

CUPIDO.

E differença dessas que se não desmancham !

A COMPANHIA DE DONA MARIA.

Para que eu agrade mais que esta senhora, bastam
as rosas que cultivo no meu jardim.

A COMPANHIA DO PRINCIPE REAL.

E a mim basta-me esta margarida.

CUPIDO.

Alto ! as rosas têm perfume ; ao passo que as mar-
garidas...

A COMPANHIA DO PRINCIPE REAL.

Tenho um rico repertorio. Trago a *Maria Anto-*
nietta...

MERCURIO.

Eu é que não a trago.

A COMPANHIA DO PRINCIPE REAL.

Trago o *Othelo*.

A COMPANHIA DE DONA MARIA.

Estrago, quer elle dizer.

CUPIDO.

Por ende andas, Shakespeare !...

A COMPANHIA DO PRINCIPE REAL.

A Morte civil.

MERCURIO.

Tudo isto já aqui foi visto.

A COMPANHIA DO PRINCIPE REAL.

Sim ?

MERCURIO.

A Ristori, o Rossi e o Salvini tiveram o descoco de representar as mesmas peças no Rio de Janeiro.

A COMPANHIA DO PRINCIPE REAL.

E' porque não adivinhavam que mais tarde os meus artistas as representariam tambem.

A COMPANHIA DE DONA MARIA.

Nada disso vale o meu *Duque de Vizeu*, que é prata de casa.

MERCURIO

E' possivel... mas vocencias são muito amaveis... no entretanto, se desempedissem o becco...

A COMPANHIA DE DONA MARIA.

Retiro-me (*Vae entrar na cabana.*)

CUPIDO.

Não! por ahi não! Por aqui. (*Leva-a para o palacio.*)

A COMPANHIA DO PRINCIPE REAL.

No frigir dos ovos é que se vê a manteiga. (*Enca-minha-se para o palacio.*)

MERCURIO.

Com sua licença... não erre a porta. (*Leva-a para a choupana. Entra o actor Valgão.*)

SCENA IV

MERCURIO, CUPIDO, O ACTOR VALGÃO.

VALGÃO.

Salve-se a arte nacional! E quem a póde salvar? O discipulo do defunto João; eu!... Isto de companhias estrangeiras é um castigo de Deus com estampas!

MERCURIO.

Que! o amiguinho está disposto a salvar a arte nacional?

VALGAO.

Dispostissimo. Não aqui, mas em Juiz de Fóra, para onde levo a meia porção da rua da Ajuda!

CUPIDO.

Vá contando : *O homem da mascara negra.*

CUPIDO.

Um.

VALGÃO.

Os dous proscriptos.

MERCURIO.

Um e dous, tres.

VALGÃO.

Os dous renegados.

CUPIDO.

Tres e dous, cinco.

VALGÃO.

Os seis degrãos do crime.

MERCURIO.

Cinco e seis onze, nove fóra, dous.

VALGÃO.

E os *Sete infantes de Lara.*

CUPIDO.

Dous e sete nove nada.

VALGÃO.

Tranquilisa-te, pobre arte dramatica, tranquilisa-te, que hei de reerguer-te. Não fosse eu discipulo do defunto João !... (*Entra na cabana.*)

MERCURIO.

Vae com escala.

SCENA V

CUPIDO, MERCURIO, FRANCK-BROWN,

FRANK-BROWN.

Oh ! la la la la la ! (*Dá uma cambalhota.*)

MERCURIO.

Oh! ainda este palhaço! Ha um seculo que os irmãos Carlo não nos servem outra coisa!

FRANK-BROWN.

Pancho, trae-me los aicos!

MERCURIO.

Isto já você diz ha cinco annos!

FRANK-BROWN.

Con mas politica.

MERCURIO.

E' sempre a mesma cantiga!

FRANK-BROWN.

A' la francesa.

MERCURIO.

Ora! não nos aborreça!

FRANK-BROWN.

Oh! la la la la la la. (*Vae a entrar no palacio.*)

MERCURIO, *puxando-o.*

Mais devagar! A' força de habito, vae errando o caminho. Desta vez ha de ter paciencia: é entrar para aqui.

FRANK BROWN.

Señor Carlo!...

MERCURIO.

Qual señor Carlo! isto ensinará o señor Carlo a trazer alguma novidade para o anno.

SCENA VI

CUPIDO, MERCURIO, GARNIER, depois SARAH, depois
MME. BONIFACE.

GARNIER, *vestido de Hyppolito, sahindo da cabana.*

J'ai été d'abord sifflé... mais me voilà applaudi...
Je crois que je peux me fourrer dans le palaciô dês

successôs. (*Vae a entrar no palacio e encontra Sarah que vem furiosa com um chicote em punho.*)

SARAH, *vestida de Phedra e fallando para dentro.*

Mon Dieu ! je ne suis point de ces femmes hardies
Qui, goutant dans le crime une tranquille paix,
Ont su se faire un front qui ne rougit jamais !
Je viens de fouetter une femme !

GARNIER.

Et si vous voulez recommencer, je la tiendrai ! (*Entra no palacio.*)

MERCURIO.

Ora esta ! chicotear uma mulher !...

CUPIDO.

Oh !...

SARAH.

Et ce n'est pas fini. (*Vae a entrar no palacio.*)

MERCURIO.

Perdão; como artista, o seu logar é alli... e ninguem com mais direito a elle do que a madama... mais comme femme, par ici, s'il vous plaît ! (*Vae leval-a para a cabana.*)

CUPIDO, *protestando.*

Pardon ; même comme femme, votre place est là bas. (*Leva-a para o palacio.*)

SARAH.

...Juste ciel ! qu'ai je fait aujourd'hui ? (*Entra no palacio. Entra Mme. Boniface.*)

MME. BONIFACE.

Messieurs, je suis le plus grand succès de la troupe d'opera comique... Je suis *Mme. Boniface.*

MERCURIO.

Oh ! já ouvi fallar desta opereta.

CUPIDO.

Dizem que é na realidade encantadora.

MME. BONIFACE.

En voulez-vous un echantillon ?

CUPIDO.

Mais volontiers.

MERCURIO.

Este Cupido como falla o francez !

CUPIDO.

Pudéra ! se eu sou o amor...

MME. BONIFACE.

Attention ! (*Canta um couplet de Mme. Boniface.*)

MERCURIO.

Muito bem, muito bem... As portas deste palacio abrem-se-lhe de par em par. (*Mme. Boniface entra no palacio.*)

CUPIDO.

Sabe que mais. seu Mercurio ?

MERCURIO.

Diga.

CUPIDO.

Convem arranjar um compadre, que nos mostre o que nos falta ver.

MERCURIO.

Quem ha de ser esse compadre ?

CUPIDO, *pensando.*

Ora espere... A tout seigneur toute honneur... O decano dos artistas do Brasil : o velho Areias.

MERCURIO.

O Areias ?

CUPIDO.

Ninguem mais competente do que elle. Invoquemol-o.

CANTO.

MERCURIO e CUPIDO.

O' Areias !

O' Areias !

O' Areias !

Vem nos trazer umas ideias !

(O Areias surge do alçapão.)

SCENA VII

MERCURIO, CUPIDO, O AREIAS.

O AREIAS.

Homem, vocês fazem-me sahir do alçapão, como se eu fosse um diabo de magica ?

CUPIDO.

Desculpa, meu velho e bom artista, mas neste genero todas as extravagancias se permittem.

O AREIAS.

Vamos lá ! que desejam de mim ?

MERCURIO.

Que nos apresentes os successos e os fiascos theatraes do anno de 1886.

O AREIAS.

Prompto !... *(Faz um signal para dentro. Marcha na orchestra. Aparecem as peças abaixo indicadas, e accommodam-se ao fundo, depois de uma pequena manobra pela scena; a orchestra continúa a executar a marcha, enquanto o Areias recita.)*

SCENA VII

CUPIDO, MERCURIO, O AREIAS, O DUQUE DE VIZEU, THEODORA, DOUS PRINCIPES ZILAHS, A DONZELLA THEODORA, A MARTYR, O BILONTRA, O HEROE A' FORÇA ;—ao fundo, indistinctamente, as demais operas, dramas e comedias representadas durante o anno.

O AREIAS, *apresentando.*

O Duque de Vizeu, linda promessa,
Feita por um talento

Que a depontar começa
No litterario luso firmamento.

(O Duque de Vizeu entra no Palacio dos Successos.)

Theodora, que cahio,—queda solemne!—
Por'mor d'a *mise-en-scène*...
Imaginem Bysancio—que fracasso!—
No Terreiro do Paço!

(Theodora entra na Cabana dos Fiascos.)

Dous Principes Zilabs, cada qual delles
Mais insipido e reles.

(Leva-os para a cabana.)

A Donzella Theodora... Bella estreia!
Não ha na Còrte ideia
De que outra houvesse assim tão... tão notoria!
Estude o Milanez, que é certa a gloria!

(A Donzella Theodora entra no Palacio.)

A Martyr, novo drama tremebundo,
Que faz chorar a Deus e a todo o mundo...
E muita gente ha'hi que o tem de cór;
Mas ninguem assistio á peça inteira
Sem levar sete lenços na algibeira:
Dous para o pranto e cinco para o suor.

(A Martyr entra no Palacio.)

O Bilontra, o magano!
Agradou a valer, e hoje piano
Não ha que não destripe
Esse Ataca-Felippe,
A Marselheza das revistas do anno.

(O Bilontra entra no palacio. O Heroe á Força começa a marchar da cabana para o palacio e do palacio para a cabana, sem se decidir.)

O Heroe á Força... Exita... Qual das portas
Ha de transpor não sabe.
Estas coisas de theatro aqui vão tortas:
Não ha peça ou peção que não desabe.

(O Heroe á Força decide-se pela cabana.—Apontando para o fundo.)

Os outros que alli estão
Escapam todos a quaesquer processos,
Pois, amigos, não são
Nem fiascos, nem successos.

CUPIDO.

Ainda falta muita coisa... A Fedora... A Corça do Bosque... A Befana... A Canção de Fortunio...

MERCURIO, com um passo de dansa.

O Brahma...

CUPIDO.

E' verdade: o Brahma!

O AREIAS.

Mas que diabo! para isso fôra preciso metter cá dentro uma população... Contentem-se com estes... e passem bem. Vou apromptar-me para o Carioca...

MERCURIO, apontando para o palacio.

Vae para alli?

O AREIAS.

Um... pelos modos o caminho é aquelle... (Aponta para a cabana.) Pelo menos é esse o desejo de muita gente... (Aos figurantes.) Quem quer vir ao Carioca?

TODOS.

Eu! Eu!...

O AREIAS.

Então marchem, que eu faço de balisa. (Os figurantes marcham e saem com um motivo, na orchestra, da marcha com que entraram. O Areias vae na frente, imitando um balisa.)

SCENA VIII

MERCURIO, CUPIDO, O CAPADOCIO.

O CAPADOCIO, entrando, com a cabeça amarrada, um emplastro n'um dos olhos, violão debaixo do braço.

Ai! ai! ai!

OS DOUS.

Que foi?

O CAPADOCIO.

Maldita a hora em que me lembrei de ir á inauguração das taes folias da Guarda-Velha.

MERCURIO.

Porque? aconteceu-lhe alguma coisa?

O CAPADOCIO.

Se lhe parece! Apanhei com um banco no alto da synagoga... Veja!... e uma garrafa fechou-me a janella esquerda! Felizmente escapou-me o violão, um traste que nunca me larga.

CUPIDO.

Mas que vêm a ser as taes folias?

O CAPADOCIO.

Sei lá! Dizem que é um café-concerto. Coisa que lá não vi foi café nem concerto. Desconcerto, sim, e cerveja marca barbante por cima do tempo! Houve um chimfrim dos meus peccados... um sarilho grosso! E eu que tinha ido expressamente para ouvir as taes cançonetas francezas, que dizem que são mais bonitas que as nossas modinhas! Entrei n'um sanganguê dos diabos. Quando me botaram o banco no alto da synagoga, desci rente na poeira; mas, quando suspendi: Cabra, segura a testa!

CUPIDO.

E elle?

O CAPADOCIO.

Elle sahio longe, coruscando na alegria do tombo.
—Ora cançonetas francezas!

CUPIDO.

Conheço algumas que deixam as brasileiras a perder de vista.

O CAPADOCIO.

Tire por fóra.

CUPIDO.

Digo e redigo. Ouça lá esta... veja se em todo o seu repertorio ha coisa que se lhe compare. (*Canta uma cançoneta franceza.*)

O CAPADOCIO.

Agora eu ! Não tenho medo da comparação. Ouça, e diga depois se isto não vale mais do que o seu trá-lá-lá. (*Canta uma modinha brasileira, acompanhando-se ao violão.*) Isto é que é !—Mas adeus ! vou arranjar um curativo na Polyclinia, porque tudo que aqui está é provisorio. (*Sae.*)

MERCURIO.

Que mais me resta fazer ?

CUPIDO.

Escrever este ultimo quadro e accrescental-o ao teu manuscripto,

MERCURIO.

Então está prompta a revista ?

CUPIDO.

Prompta !—Anda d'ahi!

MERCURIO.

Vamos. (*Saem. Mutação.*)

QUADRO X

SCENA PRIMEIRA

A mesma scena do primeiro quadro.

FONSECA, depois RAPOSO.

FONSECA, só, entrando.

Vae decidir-se a minha sorte ! O Sr. Raposo não deve tardar. Remetti-lhe hontem a minha revista, o meu *Mercurio*, e pedi-lhe que me mandasse uma decisão

Ficou de aqui estar ás 8 horas em ponto. (*Ouve-se dar 8 horas.*) Oito horas.. sobem a escada... E' elle ! é elle!... Coragem!...

RAPOSO, *entrando contentissimo, com um manuscripto de baixo do braco.*

Oh ! meu amigo, meu Fonseca, meu genro!... Dê á um abraço ! Li hontem mesmo o seu *Mercurio*. Deorei-o desde a primeira até a ultima scena.

FONSECA.

E que tal ?

RAPOSO.

Magnifico ! magnifico!... Posso affiançar-lhe que é não inferior ao *Mandarim*, nem ao *Bilontra*. Até parece escripto pelas mesmas penas!... Só não gostei do final.

FONSECA.

Ah ! não gostou do final ?

RAPOSO.

Confesso-lhe que não. O começo é muito bom. O *Olympo* ! Sim, senhor ; muito engenhoso, muito bem achado... Agora não digam por abi os zoilos que aquillo é plagiado do *Orpheu no Infernos*... Mas o final... Um... A revista de anno deve terminar sempre por uma apotheose. O meu Fonseca vae já e já arranjar-me uma scena final, obrigada a scenario deslumbrante, fogo de bengala...

FONSECA.

Mas é que...

RAPOSO.

Não tem mas nem meio mas... Depressa papel e tinta !

FONSECA, *aparte.*

Agora é que são ellas !

RAPOSO.

Vamos ! vamos ! que mais espera ?

FONSECA.

Sr. Raposo, vou fallar-lhe com toda a franqueza...
Eu não sou o auctor do *Mercurio*.

RAPOSO.

Não é o auctor? Dar-se-á caso que o Sr. Fonseca me embarrillasse?! Não é o auctor?! Quem então escreveu isto?

FONSECA.

Se eu contar-lhe a historia desse manuscripto, o senhor não me dará credito.

RAPOSO.

Explique-se.

FONSECA.

Lembra-se daquella visita que me fez ha um anno, guando impoz como condição para ser seu genro a composição de uma revista? Pois bem: fiquei a sós... e, desesperado, começava a renunciar mentalmente à minha felicidade, quando do meio daquelles folhetos francezes que o senhor me trouxe, lembra-se? surgiu por encanto uma visão... uma mulher... umr fada... uma musa... que se compadeceu do meu tormento... que se offereceu para guiar-me n'um trabalho litterario completamente estranho para mim.

RAPOSO.

Quem era?

FONSECA.

Frivolina, a musa das revistas de anno. Ella trans^oportou-me não sei para onde. Vivi durante um anno como se sonhasse, vendo desfilar diante dos meus olhos attonitos uma série infinita de factos e de homens... Escrevi a peça *au jour le jour*, escrevi-a como um automato... a minha mão era movida não sei porque força invisivel... imprescrutavel... indefinivel... Só sei que ahi está o *Mercurio*, prompto para receber a consagração ou a reprovação do publico. Agora o senhor exige uma apothese... mas o meu anjo bom, a minha musa, a graciosa Frivolina já se despedio de

mim... Voltei a ser o Fonseca que d'antes era, e só por mim—confesso que não sou capaz de nenhuma concepção.

RAPOSO, *que tem ouvido com enthusiasmo.*

Ora ahí está! ora ahí está!... Depois disto venham ainda fallar-me contra o espiritismo!... venham ainda zombar das sabias doutrinas de Allen Kardec!... Meu amigo, essa Frivolina, que lhe appareceu, era o espirito de algum famoso revisteiro encarnado n'um personagem mysterioso, phantastico... Era talvez um dos irmãos Cogniard... ou o Clairville... ou o Siraudin... Talvez fosse o próprio Aristophanes, que tambem escreveu revistas... O Sr. Fonseca talvez não seja um comediographo, mas com certeza é um medio vidente de primeira ordem... Se não acharem muito espirito na sua revista, hão de, pelo menos, achar-lhe muito espiritismo.

FONSECA.

Mas afinal, o senhor, ainda não me deu palavra sobre o que mais me interessa.

RAPOSO.

Oh! E' sua a mão de minha filha! E conto que me dê cada anno uma revista e um neto, embora pelo mesmo processo. (*A um gesto de Fonseca.*) Já se vê que me refiro é revista e não aos pequenos.

FONSECA.

Ainda bem... mas... a apotheose?

RAPOSO.

A apotheose? E' muito simples... Evoquemos a tal Frivolina.

FONSECA.

Parece-lhe que ella virá?

RAPOSO.

Porque não ha de vir? Evoquemol-a por solfa, que é mais prudente.

DUETTINO.

(Serenata do Boccacio.)

O' divina
 Frivolina,
 Anda cá, não te faças de fina!

FONSECA.

Vem depressa,
 P'ra que a peça
 Satisfeito o povinho despeça.

RAPOSO.

Vem cá já,
 Friuolina, olá!
 Vem cá já!

FONSECA.

Vem já cá,
 Frivolina, olá!
 Vem já cá!

AMBOS.

Vem cá já,
 Frivolina olá!
 Vem já cá,
 Frivolina, olé!
 Vem correndo, se estás de maré.

SCENA II

Os MESMOS, FRIVOLINA.

TERCETTO.

(Musica de Abdon Milanex.)

FRIVOLINA.

Cá estou! cá estou!...
 Eu Frivolina sou!
 Ao teu soccorro vim!
 Que mais queres de mim?

FONSECA.

P'ra que eu despose
A minha amada Felisberta,
Preciso de uma apothese.

RAPOSO.

Precisa de uma apothese.

FRIVOLINA.

Precisas de uma apothese...

Qual ha de ser?

Vamos a ver...

Da liberdade a estatua illuminando o mundo?

RAPOSO.

Um similhante assumpto é por demais profundo.

FONSECA.

Um grancee homem fallecido?

RAPOSO.

Issa está já muito batido.

FRIVOLINA.

Ah!

OS DOUS.

Que é?

FRIVOLINA.

Tenho uma ideia!

OS DOUS.

Ha de ser coisa de mão cheia!

FRIVOLINA.

Façamos uma apothese
A's revistas exhibidas
E nesta Côte applaudidas
De oitenta e tres para cá:
O *Mandarim*, o *Bilontra*,
A *Cocota* e a *Mulher-Homem*
O logar honroso tomem
Que a sua historia lhes dá!

E em redor dessas revistas
 Que p'r'as mangas deram panno,
 A theatrada deste anno
 Um fadinho danserá!

OS DOUS.

Apoiado!
 Bem lembrado!
 A coisa tota nao é!
 Que lembrança!
 Venha a dansa!
 Sinto já pular-me o pé!

OS TRES.

Apoiado! etc. (*Dansam.*)

FRIVOLINA.

Atttenção!

Vou fazer a mutação.

(*Agita a varinha. A scena transforma-se.*)

QUADRO XI

Apotheose comica ás revistas de anno, indicadas por Frivolina. Todos os personagens do acto cantam e dansam.

CÔRO GERAL.

Venha um fado
 Bem quebrado!
 Façam todos seu filé!
 Que folgança!
 Tudo dansa!
 Bate e pito e pula o pé.

